



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS  
PROFESSOR MILTON SANTOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS INTERDISCIPLINARES  
SOBRE A UNIVERSIDADE**

**VITÓRIA FERREIRA BARRETO**

**EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO INSTITUTO DE HUMANIDADES,  
ARTES E CIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA:  
MAPEAMENTO, CONCEITUAÇÕES E PRÁTICAS**

**Salvador/BA**

**2014**

**VITÓRIA FERREIRA BARRETO**

**EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO INSTITUTO DE HUMANIDADES,  
ARTES E CIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA:  
MAPEAMENTO, CONCEITUAÇÕES E PRÁTICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade.

Área de concentração: Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Meira Vêras

**Salvador/BA  
2014**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, minha inspiração, direção e fortaleza.

À minha família, que amorosamente me apoiou durante todo o percurso de construção desta dissertação. Em especial, aos meus pais Roberto e Márcia, pela vida e relação educadora. À Antônio Carlos Lemos, por todo cuidado, ajuda e Amor. À minha avó Vitória por sempre segurar a minha mão. Aos meus avós Solange e Zeca pelo incentivo e apoio que me encorajam.

Às minhas amigas e amigos, que sempre demonstraram interesse em dialogar sobre a extensão universitária e me apoiaram nos momentos de êxito e dificuldade.

À Samadhi, pelo dínamo sempre oferecido, pelo exemplo de ser humano, psicólogo e educador congruente que é.

À minha orientadora, Professora Renata Meira Vêras, por toda orientação, generosidade e cuidado oferecidos durante esses anos.

À Denise Lemos, mestra que me ensinou a aprender.

Às colegas e amigas Ana Lúcia e Gezilda, por partilharem momentos de construção teórica e experiências vivenciadas no IHAC.

Aos professores e professoras do IHAC, pela disponibilidade à participação nesta pesquisa e por acreditarem em uma Nova Universidade.

Agradeço a todos os pesquisadores, estudiosos e trabalhadores da educação e da extensão universitária pelas indispensáveis contribuições para uma educação mais emancipadora e amorosa.

À PROEXT e sua equipe, especialmente à professora Blandina Leal e Pedro Rocha, pelo empenho, entusiasmo e disciplina ao trabalharem a extensão na UFBA.

À FAPESB pelo financiamento.

*O sujeito que se abre ao mundo e aos outros  
inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se  
confirma como inquietação e curiosidade,  
como inconclusão em permanente movimento na História*

Paulo Freire, 2009

## RESUMO

Essa dissertação objetivou avaliar a extensão universitária desenvolvida no Instituto de Humanidades Artes e Ciência Milton Santos (IHAC). Para isto, esta pesquisa foi dividida em duas etapas, na primeira delas, foi realizado um mapeamento quantitativo da produção extensionista do IHAC em comparação aos dados da Universidade Federal da Bahia (UFBA), posteriormente foi feita uma análise mais aprofundada através de cinco categorias da produção do IHAC. A partir dos resultados obtidos, destaca-se que o caráter interdisciplinar do IHAC pode ser considerado um grande fator de estímulo à realização da extensão, já que as ações desenvolvidas por este instituto têm o caráter mit-disciplinar. Além disto, observou-se que a relevância dada à extensão no Projeto de Criação do IHAC é corroborada nas ações que foram desenvolvidas neste instituto, devido ao seu número representativo, se comparado com outros institutos da UFBA. A segunda etapa desta dissertação almejou examinar os discursos dos docentes deste instituto acerca da extensão e estas falas foram agrupadas em cinco categorias de análise. Nesta segunda etapa, pode-se perceber o caráter heterogêneo na conceituação acerca da extensão, remetendo às particularidades do IHAC, apresentadas em seu Projeto de Criação e em sua característica da abordagem interdisciplinar; o aspecto da vocação do docente, a precarização do seu trabalho e suas relações com o ensino e a pesquisa, além das diferenças entre a percepção da extensão para os diferentes Bacharelados Interdisciplinares (B.I). Os resultados dessa pesquisa demonstraram que a extensão no IHAC está construindo sua identidade, pautada em seu Projeto Político Pedagógico e nos documentos anteriormente referenciados. Dessa forma, o problema desta pesquisa e sua discussão teórica demonstraram que apesar do breve período de existência do IHAC, a extensão que é produzida por seus proponentes se destaca se comparada aos outros institutos desta universidade.

**Palavras-chave:** Extensão Universitária; IHAC; Universidade

## ABSTRACT

This thesis aimed to evaluate the university extension developed at the Institute of Humanities Arts and Science Milton Santos (IHAC). For this, this research was divided into two stages, the first of them conducted a quantitative mapping of the extension of the production IHAC compared to data from the Federal University of Bahia (UFBA) was later made a deepening into five categories, the production of the IHAC. The survey showed that the IHAC held the 9th place in terms of activities recorded in SIATEX among the 32 institutes / colleges at this University. The interdisciplinary character of the IHAC is a great stimulus factor to carry out the extension, since the actions developed by this institute have mit-disciplinary. In addition, it was observed that the relevance given to the extension in the IHAC Building Project is supported in the actions that have been developed in this institute because of its representative number compared with other institutes. The second stage of this work craved examine the speeches of teachers of the institute about the extent and these lines were grouped into five categories of analysis. In this second stage, we can see the heterogeneity of the concept of what would be the extension; IHAC particularities, presented in its Building Project and its feature interdisciplinary approach; the appearance of the teaching vocation, the precariousness of their work and their relationships with teaching and research, in addition to differences between the perception of extension for the different Interdisciplinary Bachelor (B.I). These results demonstrated that the extent of the IHAC is building its identity, based on their Pedagogical Political Project and the previously referenced documents. Thus, the problem of this research and its theoretical discussion showed that despite the short period of existence of the IHAC, the extension which is produced by its proponents stands out compared to other institutes of this university

Key words: University Extension; IHAC; University

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACCS	Ação Curricular em Comunidade e em Sociedade
ACC	Atividade Curricular em Comunidade
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAPEX	Conselho Acadêmico de Pesquisa e Extensão
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONSEPE	Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão
CPL	Curso de Progressão Linear
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FORPROEX	Fórum de Pró-reitores de Extensão
GERE	Sistema de Gerência de Eventos
IHAC	Instituto de Humanidades Artes e Ciências Milton Santos
IES	Instituições do Ensino Superior
IFES	Instituições Federais do Ensino Superior
MEC	Ministério da Educação
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PIBIEX	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Extensão Universitária
PROEXT	Pró-reitoria de extensão
REUNI	Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SAPEX	Sistema de Gerenciamento de Editais Internos de Fomento à Extensão
SIATEX	Sistema de Registro e Acompanhamento de Atividades de Extensão
SISBIEX	Sistema de Gerenciamento de Bolsas de Extensão
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFPR	Universidade Federal do Paraná

## LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Tabela 1	Quantidade de docentes na UFBA 2009-2012 .....	22
Tabela 2	Produção extensionista das unidades da UFBA .....	26
Tabela 3	Produção extensionista (UFBA/IHAC) quanto à modalidade.....	30
Tabela 4	Produção extensionista na UFBA em 2012 .....	35
Tabela 5	Número de docentes no IHAC .....	53
Gráfico 1	Total de extensões desenvolvidas por cada B.I .....	26
Gráfico 2	Produção extensionista quanto à modalidade (IHAC) .....	32
Gráfico 3	Produção extensionista por área temática .....	33
Gráfico 4	Número de solicitação do PIBIEX na UFBA .....	34
Gráfico 5	Produção extensionista quanto a periodicidade UFBA/IHAC ...	36
Gráfico 6	Total de extensões desenvolvidas em cada ano (IHAC) .....	38
Gráfico 7	Número de matrículas da ACCS na UFBA 2009/2012 .....	39
Gráfico 8	Público alvo (IHAC) .....	40
Gráfico 9	Local de realização (IHAC) .....	42
Gráfico 10	Apoio externo (IHAC) .....	43
Gráfico 11	Carga horária (IHAC) .....	44



## Sumário

INTRODUÇÃO .....	11
1 A HISTÓRIA DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA .....	14
1.1 O SURGIMENTO NAS UNIVERSIDADES EUROPÉIAS E OS PRIMEIROS MODELOS NORTE-AMERICANOS .....	14
1.2 A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA ARGENTINA E SUA INFLUÊNCIA NA AMÉRICA LATINA .....	15
1.3 A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO BRASIL .....	16
1.4 A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA E NO INSTITUTO DE HUMANIDADES ARTES E CIÊNCIAS PROFESSOR MILTON SANTOS .....	18
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	21
3 ESTUDO I .....	23
3.1 MAPEAMENTO DAS EXTENSÕES DA UFBA/IHAC .....	23
3.1.1 Produção de Cada Unidade da UFBA .....	23
3.1.2 Modalidade das Atividades de Extensão .....	29
3.1.3 Periodicidade das Atividades de Extensão .....	36
3.2 MAPEAMENTO DAS EXTENSÕES DO IHAC .....	37
3.2.1 Produção Anual .....	37
3.2.2 Público Alvo .....	41
3.2.3 Local de realização .....	43
3.2.4 Apoio externo .....	44
3.2.5 Carga horária .....	45
4 ESTUDO II .....	47
4.1 A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA PERSPECTIVA DOS DOCENTES DO IHAC .....	48
4.1.1 Concepções e Conceituações Acerca da Extensão Universitária .....	48
4.1.2 O IHAC e a extensão universitária.....	54
4.1.3A Extensão e o Trabalho Docente .....	60

4.1.4 Relação ensino-pesquisa-extensão.....	63
4.1.5 A Extensão nas Diferentes Áreas do Conhecimento.....	68
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	<u>72</u>
REFERÊNCIAS.....	76
APÊNDICES.....	81

## INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a extensão universitária têm se voltado para aspectos diversos, como mapeamentos sobre o seu surgimento, primeiras práticas e fundamentos históricos, discussões acerca da sua pertinência na Universidade, sua relação com o ensino e a pesquisa, o seu reconhecimento enquanto função, a necessidade de uma maior sistematização das ações realizadas e uma maior clareza quanto às suas definições e conceituações (FRANTZ e SILVA, 2002; SOUSA 2010; DEMO, 1993; SANTOS, 1986; MELO NETO et al, 2002; ARAGÃO, NETO e SILVA, 2002; BOTOMÉ, 1996)

Entendendo a Universidade como uma instituição complexa, vê-se que ao longo da sua história, ela foi adotando variadas idéias, funções, definições e sentidos, assim pode-se observar o desenvolvimento da extensão, que foi se institucionalizando como o setor com uma maior responsabilidade de pensar e construir métodos para uma interação mais efetiva com os setores sociais (TAVARES, 1997; NETO et al, 2002). Buarque (2000) elucida que “se o papel de cada universitário é aventurar-se na criação de novos conhecimentos, seu compromisso diário deve ser com a aventura de criar uma nova Universidade” (p. 98-99) e ainda discorre que “a Universidade pode ser fundada por príncipes, cardeais, presidentes, alunos e professores, mas elas só podem ser inventadas ao longo do tempo pela própria comunidade acadêmica, em sua convivência com o mundo inteiro e com a sociedade onde se situa” (p. 102). É neste sentido que, ao pesquisar a extensão universitária, a Universidade é vista a partir do seu diálogo com o mundo que a cerca e assim, concebida como uma instituição a se fazer a partir das trocas estabelecidas com o que a rodeia.

A Universidade institucionalizou a capacidade de o Homem refletir, argumentar e pensar sobre a própria sociedade. Os docentes, atores fundamentais neste processo, colaboram ativamente na construção destas capacidades, seja dentro da sala de aula, em um grupo de pesquisa ou em uma ação extensionista. Esta instituição é uma realidade social, cultural e política que representa e manifesta aspectos da sociedade a qual está inserida e mais do que isso, ela tem a potencialidade de ser instrumento de transformação da própria sociedade. Neste sentido, defende-se que a Universidade é ao mesmo tempo uma mantenedora do *estatus quo* social e um local em que, a partir da práxis do ensino, da pesquisa e da extensão, as criações de novos engendramentos sociais podem se estabelecer. Silva (2002) pontua que

estando a Universidade inserida na diversidade e complexidade de relações sociais, ela própria é, ao mesmo tempo, uma relação social, expressão e orientadora de relações sociais.

A Universidade Federal da Bahia (UFBA) vem estimulando atividades extensionistas, entendendo-as como uma articulação entre as funções universitárias, especialmente desde a criação do programa UFBA em Campo em 1997 (projeto universitário de extensão cultural que envolvia alunos, professores e comunidades), atualmente chamado Ação Curricular em Comunidade e em Sociedade (ACCS) (SILVA, 2007).

O Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC) têm se destacado na oferta de atividades de extensão desde sua criação em 2009. Este Instituto foi criado a partir do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) e em seu projeto de criação (PIMENTEL *et al.*, 2009) assume que um dos seus objetivos principais é desenvolver atividades de extensão, estimulando o diálogo entre o conhecimento e a realidade, entre a teoria e a prática, possibilitando vislumbrar resoluções de problemas concretos.

A Universidade é *locus* de formação política, técnica, ética, estética e cidadã, é também, produtora de conhecimento e deve estar atrelada às demandas da sociedade, assim, é oportuno chamar a atenção para a pertinência dos estudos que se dedicam às lutas por uma educação do ensino superior mais democrática e que promovam a emancipação dos diferentes sujeitos que nela estão ligados (MELO NETO *et al.*, 2002; TAVARES, 1997). Almeida Filho (2007) afirma que “a Universidade elitista, alienada do povo e do mundo, fragmentada em departamentos e disciplinas, dirigida de modo patriarcal, dominada pela autocracia vitalícia de cátedras, pertence ao passado” e com isso, propõe uma nova forma ou modelo de Universidade que, dentre outros objetivos, dialogue de forma mais incisiva com a sociedade, com o povo e com o mundo. Para a busca ou alcance deste objetivo, a pesquisa sobre extensão universitária é instrumento necessário para uma maior compreensão desses “diálogos universitários”.

As pesquisas, análises e avaliações das Instituições do Ensino Superior (IES), têm sido instrumentos fundamentais na construção de uma maior clareza acerca das suas funções e finalidades, contribuindo para uma melhor gestão das mesmas. Com estas pesquisas, a Universidade tem a possibilidade de se repensar, resignificar, criar, de reformular em suas diretrizes e construir novas estratégias para uma melhor eficácia em seu serviço educacional direcionado aos variados setores sociais. Neste sentido, estas sistematizações são um caminho

para a melhoria da qualidade educativa e social na Universidade, a partir das definições que orientam as direções a serem tomadas nos variados âmbitos desta instituição, sintetizado no tripé ensino-pesquisa-extensão. Segundo Cruz (2010), a Avaliação Educacional deve ser formativa, reguladora e emancipadora, contribuindo nos “processos de melhoria da qualidade dos objetos-sujeitos pessoais e institucionais avaliados” (p. 29).

Busca-se, portanto, neste trabalho uma análise caracterizada pela dialeticidade e contextualização histórica da extensão enquanto uma função e um conceito que se constrói à medida que é analisado, avaliado e sistematizado. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo geral investigar e analisar as conceituações e práticas de extensão desenvolvidas no Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da Universidade Federal da Bahia.

Para tanto, esse estudo será dividido em duas partes:

I – Mapeamento e análise das ações extensionistas realizadas no Instituto de Humanidades Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC) entre os anos 2009 e 2012. Visando uma análise contextualizada do instituto, foi desenvolvido também um mapeamento das extensões na UFBA no mesmo recorte temporal, já que se visa uma análise comparativa.

II - Análise dos discursos acerca da extensão universitária, sob a ótica dos docentes do IHAC, tendo em vista que o IHAC objetiva um novo modelo de formação superior baseado em ciclos.

Tem-se como intento a sapiência do contexto histórico e institucional em que o IHAC está inserido para a construção de uma análise mais genuína da extensão desenvolvida neste instituto. Acredita-se que o produto desta pesquisa e suas reflexões possibilitarão ao IHAC e toda a sua comunidade acadêmica, docentes, discentes e servidores, o desenvolvimento de autoconhecimento, tendo como finalidade, aperfeiçoar o seu funcionamento.

# 1 A HISTÓRIA DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

## 1.1 O SURGIMENTO NAS UNIVERSIDADES EUROPÉIAS E OS PRIMEIROS MODELOS NORTE-AMERICANOS

A instituição universitária possui, com a sua complexidade de definições e funções, a característica intrínseca de ser *locus* de construção do conhecimento. No século XIX foram iniciadas algumas propostas de extensão na Europa em resposta às novas demandas da sociedade surgidas em decorrência da Revolução Industrial. Assim, na Universidade de Oxford, Inglaterra, em 1845, surgiram as primeiras atividades de extensão universitária oficialmente registradas. Nesse contexto, a Universidade passou a assumir uma preparação técnica às diferentes camadas sociais e não somente à formação das elites (SOUSA, 2010).

Na segunda metade do século XIX, na Universidade de Cambridge, no Reino Unido, surgiu a concepção de educação continuada, que eram cursos oferecidos a toda população adulta que não estava na Universidade. O público não era composto apenas de população de baixa renda, mas de classes mais favorecidas e com isto pode-se perceber outra forma de educação do ensino superior. Neste momento histórico, surge então a primeira iniciativa de uma instituição universitária em se integrar com a população que não tinha acesso ao ensino superior. Foi esta experiência na Inglaterra que promoveu a institucionalização da extensão como componente da estrutura da Universidade (FARIA, 2001). Posteriormente, em 1860, nos Estados Unidos, a extensão universitária surgiu com o caráter de prestação de serviços, tanto na zona rural quanto urbana. A Universidade de Chicago foi a primeira a incluir a extensão como atividade regular de sua proposta de educação e esta função se efetivava através da prestação de serviços através de escolas profissionais, institutos de pesquisa, programas de treinamento, hospitais, escolas primária e secundária, fazendas e laboratórios (SILVA, 2002).

Assim, foram criadas as chamadas Escolas de Extensão (Land Grant Colleges), com atuação através de prestação de serviços, difusão técnico-científica, realização de cursos profissionalizantes, educação à distância, educação permanente, cursos noturnos ou outras opções, com grande diversidade de metodologias ou tecnologias (FARIA, 2001). O modelo extensionista norte-americano foi realizado em função do desenvolvimento de comunidades,

com cursos, conferências e outras ações, criando espaços de atuação fora da sede central da Universidade e enfatizando o processo de regionalização das Universidades (GURGEL, 1986). Este modelo de ação extensionista norte-americano vai influenciar diretamente nos modelos adotados na América Latina e no Brasil.

## 1.2 A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA ARGENTINA E SUA INFLUÊNCIA NA AMÉRICA LATINA

A construção da Extensão Universitária na América Latina tem o seu marco de surgimento com o Movimento de Estudantil, em 1918, ocorrido em uma província da Argentina: Córdoba. Neste período, são os estudantes que se dedicam a evidenciar o diálogo entre Universidade e sociedade através de propostas de extensão universitária que tinham o papel de divulgar a cultura que seriam conhecidas pelas “classes populares” (NETO *et al*, 2002).

Faz-se mister enfatizar o caráter de Movimento Estudantil do surgimento da extensão na América Latina, pois este fator marcará e fundamentará as raízes destas ações universitárias neste continente. Desde o Brasil Colônia, explica Sousa (2010), é notória a presença de “jovens universitários envolvidos de alguma forma com os movimentos sócio-políticos da época” (p. 25). Embora a Extensão ainda não estivesse sendo desenvolvida, percebe-se que os estudantes entendiam o seu papel social e buscavam atuar de forma direta nos principais problemas da sociedade. Era através dos usos da Universidade que estas ações se davam, assim, pode-se afirmar que os estudantes universitários tiveram uma contribuição marcante para o desenvolvimento de uma universidade atrelada às demandas sociais.

Portanto, diferentemente da Inglaterra e dos Estados Unidos, na América Latina, a necessidade de uma ampliação das práticas da Universidade veio não dos seguimentos dos docentes ou gestores da mesma, mas de uma organização e convocação dos estudantes para “colocar a extensão universitária em evidência, com a criação de Universidades Populares em várias nações latino-americanas” (NETO *et al*, 2002, p. 149).

Com influência de todos os modelos de extensão já desenvolvidos na Europa, Estados Unidos e América Latina, a Universidade brasileira restringiu o seu compromisso com a sociedade através da função do ensino (SOUSA, 2010). Ou seja, somente uma parcela

da população tinha acesso ao conhecimento desta instituição, sendo sua formação, destinada a elite do país e ao povo.

### 1.3 A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO BRASIL

Os primeiros registros de ações caracterizadas como extensão universitária no Brasil surgem, segundo Carbonari e Pereira (2007), no período entre 1911 e 1917 na Universidade Livre de São Paulo, através de conferências e semanas abertas ao público. Estas atividades poderiam ser caracterizadas hoje como cursos e eventos, que até os dias atuais são parte significativa das atividades desenvolvidas nas Universidades brasileiras. Posterior a este período, no Brasil, em 1943, a Universidade Rural do Brasil, a qual, inspirada na Escola Superior de Agricultura e Veterinária em Minas Gerais, tinha a preocupação de difundir conhecimentos técnico-científicos para a comunidade rural. Pode-se observar neste último período datado, o modelo de transmissão de conhecimentos de forma verticalizada em que o cientista leva os seus conhecimentos acadêmicos para a população rural.

Após estes dois marcos da origem da extensão na Universidade brasileira, destaca-se que na década de 1960, sob o regime militar, foi realizado o I Seminário de Educação e Segurança Nacional, promovido pela Escola do Comando Maior das Forças Armadas. Com o apoio da Universidade do Estado da Guanabara, esse seminário visava estimular a ocupação dos estudantes no espaço geográfico do país e também, contribuir para o desenvolvimento econômico do Brasil (PAVIOTI, 2004; ZENEIDE, 1991).

No período dos anos 1960 e 1970, durante os regimes ditatoriais no Brasil, a extensão que já era concebida como uma prática emancipadora, passou a ser vista pelo regime vigente no Brasil como uma ameaça. Assim, como forma de cooptar os estudantes do Brasil, o governo instituiu dois programas de atuações pontuais e não vinculadas às Universidades públicas. Nestes projetos, os estudantes só conheciam parcela da realidade trabalhada e não estabeleciam vínculos contínuos com o local. Estes projetos foram o Projeto Rondon (1968) e CRUTAC (1966, Universidade Federal do Rio Grande do Norte) que tinham como foco, a manutenção da ordem e segurança nacional (GURGEL, 1986).

Ainda nos anos referentes à década de 60, Gurgel (1986), ressalta a relevância de três movimentos brasileiros caracterizados como extensão universitária: Centro Popular de Cultura (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), Serviço de Extensão Cultural



(Universidade de Pernambuco) e a Universidade Volante (Universidade Federal do Paraná). Estas experiências estimularam o relacionamento entre Universidade e sociedade, através de projetos para a sociedade brasileira e também prestação de serviços.

O evento inaugural da Assembleia Nacional Constituinte de 1987, instalada no Congresso Nacional em Brasília, elaborou uma Constituição democrática para o Brasil e neste documento, a Constituição Federal de 1988. Nesta declaração, conta o artigo constitucional 207, que estabelece a extensão como um dos três pilares conceituais da universidade brasileira pós-1988:

**Art. 207.** As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988)

A instituição do tripé universitário na Constituição Federal (BRASIL, 1988) é um marco na história da Extensão no Brasil, pois é a partir desta década que ela passa a ser inserida nos Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) das Universidade públicas. O atual Plano Nacional de Extensão Universitária referente aos anos 2011-2020, (FORPROEX, 2011) pauta-se na indissociabilidade de ensino, pesquisa e extensão, respeitada a autonomia universitária, nos termos do art.207 da Constituição Federal do Brasil.

Segundo Machado (2013) *apud* Minguili, Chaves e Foresti (2006), a Carta Magna, garantiu a liberdade de pensar, produzir, ensinar, aprender, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber, o pluralismo de ideias, democratização do acesso às universidades e valorização dos profissionais de ensino.

No final dos anos 80, com as discussões acerca dos direitos sociais, a Universidade se insere, segundo Neto e colaboradores (2002), como uma das protagonistas nas mudanças necessárias, surgindo neste período o Fórum de Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas (FORPROEX). É neste momento da Universidade brasileira que a extensão passa a se consolidar institucionalmente e a firmar o seu papel como importante personagem na luta por uma Universidade socialmente referenciada.

#### 1.4 A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA E NO INSTITUTO DE HUMANIDADES ARTES E CIÊNCIAS PROFESSOR MILTON SANTOS

Com duzentos anos de história, a UFBA é uma das mais antigas instituições da Bahia e o primeiro curso de nível superior no Brasil foi criado em 1808 com a Escola da Cirurgia da Bahia (TOUTAIN E SILVA, 2010). Ainda no século XIX, incorporou os cursos de Farmácia (1832) e Odontologia (1864), a Academia de Belas Artes (1877), Direito (1891) e Politécnica (1896). No século XX, Isaías Alves cria a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1941)<sup>1</sup>. No ano 2012, a UFBA já possuía os campi Salvador, Reitor Edgard Santos (Barreiras) e Campus Anísio Teixeira (Vitória da Conquista). O campus Salvador, possuía 94 cursos de graduação e 164 cursos de pós-graduação (stricto sensu e lato sensu). Atualmente, há 2.279 docentes em seu quadro, sendo estes, os titulares, associados, adjuntos, assistentes e auxiliares. Com relação ao número de estudantes de graduação, haviam 29.778 matriculados e 2.864 diplomados. Já na pós-graduação, neste ano referido, foram 1.069 diplomados (UFBA, 2013)

Abordando a questão da extensão na UFBA, documentos da referida instituição evidenciam que o conceito tradicional de extensão vigorou na UFBA entre os períodos de 1967 e 1971 e havia basicamente o interesse de prestar serviços culturais à comunidade. Somente em 1971, impulsionado pela Reforma Universitária, foi criado o órgão executivo de extensão da UFBA. Esse órgão começou a estruturar os projetos de extensão e deliberou à Coordenação Geral de Extensão a responsabilidade dos assuntos extensionistas. Em 1979, a Coordenação Geral de Extensão passou a ser denominada de Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT) (UFBA, 1998).

Em consonância com os regimentos do FORPROEX e das diretrizes do MEC, ressalta-se que a UFBA vêm paulatinamente aderindo institucionalmente à função da extensão. A compreensão acerca da atividade extensionista como um articulador entre as funções universitárias vem se configurando na prática no âmbito da UFBA, especialmente desde 1997, quando foi criado o programa UFBA em Campo (projeto universitário de extensão cultural que envolvia alunos, professores e comunidades), atualmente denominado Ação Curricular em Comunidade e em Sociedade (SILVA, 2007).

---

<sup>1</sup> Informação disponível no site: <http://www.proext.ufba.br/proext>. Acesso em: 20 março 2014

No início dos anos 2000, a extensão na UFBA iniciava a sua expansão, principalmente devido à consolidação de um programa desbravador denominado Atividades Curriculares em Comunidade (ACC). De acordo com o Memorial da Universidade Nova (2010) em 2002, 444 estudantes de 38 cursos (cerca de 70% do total de cursos de graduação então existentes na UFBA) registraram-se em 42 grupos de ACC. Além disso, modalidades tradicionais de extensão, como cursos de atualização e eventos, totalizaram 934 atividades regularmente registradas, a partir das quais foram expedidos 19.509 certificados. Observa-se com estes dados o crescimento exponencial da extensão na UFBA nos últimos dez anos e isto devido à abertura da instituição às políticas nacionais que legitimam a relevância desta função para uma Universidade ser socialmente referenciada.

Diante disto, vê-se o caráter avançado desta instituição, já que, desde a década de 1990, estavam se iniciando nacionalmente as ações para uma maior compreensão e institucionalização da extensão. Em seu Estatuto (UFBA, 2010), a Universidade destina, em seu orçamento, recursos específicos para atividades de extensão e de pesquisa, criação e inovação, sem prejuízo dos que venha a obter de outras fontes. Além disto, o artigo 18 parágrafo II fixa normas e delibera sobre políticas de integração entre ensino, pesquisa e extensão na Universidade.

Assim, a Universidade Federal da Bahia, na resolução 02/2012, aprova em 2012 o regulamento de extensão universitária e neste, dispõe no Capítulo II artigo 4º que a Universidade garante o diálogo com a sociedade em todos os seus segmentos através de ações, sob a forma de extensão universitária (UFBA, 2012).

Diante destes postulados, observa-se que a UFBA, além de estimular o desenvolvimento da extensão através do investimento orçamentário, concebe o ensino, a pesquisa e a extensão como funções integradas, corroborando com as atuais definições das funções universitárias, onde estas são encadeadas e não hierarquizadas (UFBA, 2010).

Percebe-se que a Universidade para se institucionalizar deve se atrelar à sociedade e se organizar em torno de uma ação. Assim ela se constrói em torno de um projeto político-pedagógico em consonância com as exigências sociais. A Universidade deve se constituir, desta forma, envolta de utopias e aspirações propondo enfrentar e oferecer respostas a problemas e obstáculos sociais. Almeida Filho (2007) vislumbra a necessidade de uma renovação da Universidade como uma estratégia de ação política e transformação social, para isso, uma *Universidade Nova* sendo reconfigurada como instituição de criação e produção

crítica do conhecimento humano, em vez de uma instituição para elitismo e exclusão social como tem sido durante quase dois mil anos.

Visando avançar nessas transformações institucionais, a UFBA adere ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) e a implantação, já em 2009, dos Bacharelados Interdisciplinares em Artes, Humanidades, Ciência e Tecnologia e Saúde. Baseando-se no modelo de ciclos, o IHAC tem sob a sua responsabilidade a gestão administrativa e acadêmica dessa nova modalidade de primeiro ciclo de graduação. Este projeto propõe um currículo com o caráter interdisciplinar, cujos componentes curriculares serão distribuídos em todas as Unidades Universitárias, reservando-se, em princípio, e aqueles de natureza marcadamente interdisciplinar serão locados no IHAC (PIMENTEL *et al*, 2008 ).

Ao longo da história, as ciências vêm se fragmentando cada vez mais o que permite um aprofundamento do conhecimento e numa ampliação dos campos disciplinares, diante disto, é cada vez mais pertinente a união dos conhecimentos e uma abordagem ampla e consciente da complexidade humana. Desta forma, o IHAC homenageia além do geógrafo e professor Milton Santos, nomeando o Instituto, outros teóricos como Anísio Teixeira, Edgard Morin e Boaventura de Souza Santos que contribuíram para o desenvolvimento do conhecimento acerca da Universidade e sua relação com a sociedade. O IHAC mantém diálogo com as outras unidades universitárias da UFBA, para o reconhecimento de suas atividades acadêmicas e visando construir parcerias que possuam convergência de ideais democráticos sobre Universidade<sup>2</sup>.

Em seu Projeto de Criação (PIMENTEL, 2008), identifica-se que um dos objetivos do instituto é “interagir de modo substantivo com a sociedade – local, regional, nacional e internacional – procurando assegurar uma efetiva troca de saberes de perfil multidisciplinar” e neste sentido, reafirma a necessidade de intercâmbio entre o IHAC e a sociedade, em sua dimensão mais próxima, atingindo o contexto global. É enfatizada a interlocução e nesse sentido, o estudo da extensão desenvolvida neste instituto se faz oportuna já que, o documento que o institui, concebe o diálogo entre instituição e sociedade como estrutural.

---

<sup>2</sup> Informação disponível no site: <http://www.ihac.ufba.br/>. Acesso em 26 março 2014

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para atender aos objetivos dessa pesquisa foram desenvolvidos dois estudos. O **Estudo I** teve um viés quantitativo e se referiu às atividades de extensão desenvolvidas na UFBA e no IHAC. Os dados da UFBA foram disponibilizados pela PROEXT e os dados do IHAC foram coletados através do Sistema de Registro e Acompanhamento de Atividades de Extensão (SIATEX) da UFBA. Salienta-se que além deste sistema existem os seguintes: GERE (Sistema de Gerenciamento de Eventos), SISBIEX (Sistema de Gerenciamento de Bolsas de Extensão) e SAPEX (Sistema de Gerenciamento de Editais Internos de Fomento à Extensão Universitária). No entanto, como o SIATEX desde 2004 é o principal responsável pela inscrição, acompanhamento e finalização das ações de extensão, a coleta de dados foi realizada apenas nesse sistema.

No que tange ao tratamento dos dados, foram elaboradas tabelas e também gráficos a partir de cálculos de proporção.

Como o problema central do **Estudo II** foi investigar como os docentes do IHAC se relacionam com a extensão universitária, utilizou-se como instrumento de coleta de dados entrevistas semi-estruturadas, numa abordagem qualitativa, realizadas com onze (20%) professores em um universo de cinquenta e três professores adjuntos do instituto no mês de janeiro de 2013. Foram entrevistados três professores do Bacharelado Interdisciplinar (B.I) I Humanidades, três de Saúde, três de Artes e dois de Ciência e Tecnologia. Para a realização das entrevistas, foi entregue um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para cada docente. Foram colhidas impressões acerca de cinco temáticas relacionadas com a extensão universitária: a conceituação e concepções acerca da extensão; como vêm sendo desenvolvida a extensão no IHAC; a extensão e a sua relação com o trabalho docente; a relação ensino, pesquisa e extensão e por fim, as particularidades da extensão desenvolvida nas quatro áreas do conhecimento (saúde, humanidades, artes e ciência e tecnologia).

## ESTUDO I

### **3 ESTUDO I**

#### **3.1 MAPEAMENTO DAS EXTENSÕES DA UFBA/IHAC**

Como o objetivo de pesquisa deste primeiro estudo é a investigação acerca do número de atividades de extensão de um instituto, em análise comparativa com o da Universidade a qual se loca, fez-se necessário a investigação dos dados quantitativos a que se refere à produção destes dois domínios. Assim, essa questão de pesquisa teve o intuito de delinear estes dois cenários para possibilitar uma maior assimilação acerca dos processos extensionistas do IHAC e da UFBA.

A discussão dos dados foi organizada em dois segmentos: o primeiro refere-se à produção da UFBA correlacionada com o IHAC (total de produção de cada unidade da UFBA, total quanto à modalidade na UFBA e IHAC, total quanto à periodicidade na UFBA e IHAC). No segundo segmento, os dados do IHAC foram analisados de maneira isolada, sendo categorizados em: total de extensões desenvolvidas em cada ano; público alvo; local de realização; apoio externo e carga horária.

##### **3.1.1 Produção de Cada Unidade da UFBA**

A UFBA e o IHAC, em suas resoluções, reconhecem e amparam os preceitos constitucionais da indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão. Em seu Plano de Desenvolvimento Institucional (UFBA, 2012), a Universidade concebe a extensão como “uma integração entre a Universidade e a sociedade na troca de experiências, técnicas e metodologias, além de criar condições para o corpo docente legitimar socialmente sua produção acadêmica” (p. 35). Além de em seu artigo 2º firmar que “As ações de extensão universitária desenvolvidas pela Universidade Federal da Bahia serão orientadas pelas diretrizes definidas no Plano Nacional de Extensão Universitária” (p. 2).

Assim, a extensão passa a ter papel fundamental nesta Universidade, já que sua função primordial é tornar a produção científica socialmente relevante. Ainda neste documento, ressalta-se o estímulo do:

desenvolvimento de programas, projetos e atividades extensionistas contribui para a formação dos estudantes, sensibilizando-os e conferindo-lhes responsabilidade social. Através da extensão, a UFBA tem se revelado uma Universidade cidadã, voltada para o estudo das questões e demandas da sociedade baiana, respondendo positivamente aos desafios que lhes são postos (p. 36)

Com base nesta exploração já realizada, busca-se analisar de que forma a extensão vem sendo desenvolvida nestas instâncias. Para isso, o primeiro dado a ser explorado se refere à produção total de ações extensionistas na UFBA e no IHAC.

A UFBA, ao longo dos quatro anos que envolvem o recorte desta pesquisa (2009-2012), teve como produção total das unidades 3743 ações de extensão registradas no SIATEX e aprovadas pela instância regulamentadora e 86 ações de extensão realizadas por outras instâncias, como pró-reitorias e hospitais. Observa-se que das 3743 atividades de extensão, o IHAC desenvolveu 153 delas. Além das 153 ações realizadas pelo IHAC, 82 propostas não foram aceitas pela congregação ou foram devolvidas pela PROEXT ao proponente, dessa forma estas 82 não aceitas foram excluídas na análise.

Com o intuito de realizar uma análise comparativa que oferecesse a dimensão dos institutos da UFBA, foi elaborada a tabela 1 constando a quantidade de docentes efetivos da UFBA por unidade de ensino no campus Salvador no período de 2009 a 2012 e com isso, pode-se relacionar a produção extensionista do IHAC com a UFBA, em uma abordagem mais equânime. Salienta-se que unidades de ensino englobam as escolas, faculdades e institutos. Estes dados foram disponibilizados pela Superintendência de Pessoal da UFBA (SPE).

Tabela 1.  
Quantidade de docentes na UFBA  
2009-2012

<b>UNIDADES DE ENSINO</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>
Escola de Administração	44	45	55	56
Escola de Belas Artes	34	34	31	33
Escola de Dança	27	30	27	30
Escola de Enfermagem	54	52	58	58
Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia	55	59	59	62
Escola de Música	42	45	52	52
Escola de Nutrição	51	54	55	57



Escola de Teatro	26	29	31	31
Escola Politécnica	131	133	145	143
Faculdade de Arquitetura	77	76	88	91
Faculdade de Ciência Contábeis	20	25	30	28
Faculdade de Comunicação	27	32	34	36
Faculdade de Direito	57	73	84	90
Faculdade de Economia	34	35	38	37
Faculdade de Educação	79	84	89	88
Faculdade de Farmácia	53	48	53	53
Faculdade de Filosofia e Ciência Humanas	96	101	105	104
Faculdade de Medicina da Bahia	198	194	222	230
Faculdade de Odontologia	73	75	83	83
Instituto de Biologia	58	57	59	63
Instituto de Ciência da Informação (ICI)	25	29	29	27
Institutos de Ciências da Saúde (ICS)	92	108	118	119
Instituto de Física	61	56	63	62
Instituto de Geociências	66	75	71	69
<b>Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC)</b>	<b>33</b>	<b>51</b>	<b>54</b>	<b>51</b>
Instituto de Letras	94	107	119	117
Instituto de Matemática	84	87	91	96
Instituto de Psicologia	31	34	41	42
Instituto de Química	61	68	67	66
Instituto de Saúde Coletiva (ISC)	28	30	30	29
<b>TOTAL</b>	<b>1811</b>	<b>1936</b>	<b>2081</b>	<b>2103</b>

Fonte: Dados da própria autora/Dados fornecidos pela PROEXT

Pode-se verificar acima, que das trinta unidades locadas na UFBA, o IHAC ocupa o 20º lugar, no que se refere à quantidade de docentes contratados via concurso público desta Universidade, com a média de 47,25 docentes por ano. Esse número é superior ao da Escola de Belas Artes, Dança, Música, Teatro, Ciências Contábeis, Comunicação, Economia, Ciências da Informação, Psicologia e do Instituto de Saúde Coletiva. Observa-se que mesmo ocupando o 20º lugar em quantidade de docentes locados neste instituto, o IHAC ocupou o 9º lugar com relação à produção extensionista, como pode ser observado na tabela 2:

Tabela 2  
Produção extensionista das unidades da UFBA

Unidade	2009	2010	2011	2012	Total
<b>Escola de Administração</b>	17	23	17	40	97
<b>Escola de Belas Artes</b>	29	27	25	31	112
<b>Escola de Dança</b>	31	34	34	30	129
<b>Escola de Enfermagem</b>	24	55	56	21	156
<b>Escola de Med. Veterinária e Zootecnia</b>	7	18	22	21	68
<b>Escola de Música</b>	11	11	37	7	66
<b>Escola de Nutrição</b>	22	42	16	23	103
<b>Escola de Teatro</b>	17	30	34	18	99
<b>Escola Politécnica</b>	97	99	136	97	429
<b>Faculdade de Arquitetura</b>	38	17	40	30	125
<b>Faculdade de Ciências Contábeis</b>	50	9	7	1	67
<b>Faculdade de Comunicação</b>	44	65	35	36	180
<b>Faculdade de Direito</b>	1	3	7	9	20
<b>Faculdade de Economia</b>	1	15	3	1	20
<b>Faculdade de Educação</b>	76	70	85	56	287
<b>Faculdade de Farmácia</b>	3	15	9	8	35
<b>Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas</b>	19	43	30	35	127
<b>Faculdade de Medicina da Bahia</b>	32	52	73	47	204
<b>Faculdade de Odontologia</b>	49	70	39	36	194
<b>Instituto de Biologia</b>	41	30	62	35	168
<b>Instituto de Ciências da Informação</b>	sn <sup>3</sup>	Sn	13	9	22
<b>Instituto de Ciências da Saúde</b>	3	17	16	19	55
<b>Instituto de Física</b>	3	4	3	1	11
<b>Instituto de Geociências</b>	11	10	24	25	70
<b>Instituto de Humanidades, Artes e Ciências</b>	16	47	79	41	153
<b>Instituto de Letras</b>	39	49	90	84	262
<b>Instituto de Matemática</b>	21	15	9	6	51
<b>Instituto de Psicologia</b>	38	28	28	25	119
<b>Instituto de Química</b>	11	5	12	14	42
<b>Instituto de Saúde Coletiva</b>	3	16	17	18	54
<b>Outros</b>	13	13	33	27	86
<b>Total</b>	<b>784</b>	<b>971</b>	<b>1133</b>	<b>885</b>	<b>3743</b>

Fonte: Dados da própria autora/Dados fornecidos pela PROEXT

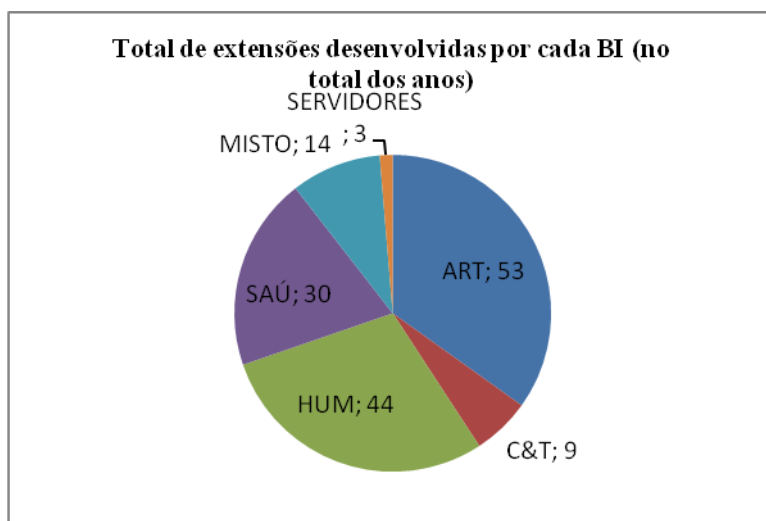
<sup>3</sup> Dados não disponibilizados pela UFBA

A produção quantitativa do IHAC pode ser considerada significativa, pois se comparada aos outros institutos, ele ocupa o 9º lugar dentre os 30 existentes nesta Universidade, sendo expressiva a sua produção. Por outro lado, tendo em vista que o IHAC tem 1/6 dos alunos da UFBA com 5.300 alunos em um total de cerca de 32 mil e sendo atualmente a maior unidade acadêmica, em quantidade de estudantes, a nona posição relativa à produção extensionista perde o seu destaque.

Mapeando a produção de cada Bacharelado Interdisciplinar, constatou-se que a maior produção refere-se ao BI de Artes, seguido de Humanidades, Saúde, misto (referente à oferta por professores de diferentes BI que propuseram a ação em conjunto), Ciência e Tecnologia e foram registradas duas ações propostas por servidores técnicos, como pode ser visto no gráfico 1:

Gráfico 1

Total de extensões desenvolvidas por cada B.I



Fonte: Dados da própria autora

Criado em 2009, no âmbito da reforma do ensino superior, legitimada pelo REUNI, o IHAC possui como escopo fundamental a democratização do acesso a Universidade pública e de qualidade, tornando-a assim, um instrumento para um projeto de nação que vislumbre o desenvolvimento da população através do acesso ao conhecimento. O Projeto de Criação do IHAC (PIMENTEL *et al.*, 2008) reconhece que um dos eixos de sua missão é a execução do tripé ensino-pesquisa-extensão e um dos seus objetivos principais é desenvolver atividades de extensão. E a extensão deve ser concebida como uma ação que

possibilita a criação de uma ligação com a classe trabalhadora, permitindo a troca de conhecimentos, onde a Universidade aprende com o saber popular e auxilia as populações para uma emancipação crítica (GURGEL, 1986).

Repensando as concepções sobre os espaços de aprendizagem universitária, o Fórum de Pró-Reitores de Extensão Universitária das Universidades Brasileiras (FORPROEX, 1987) contribuiu ao afirmar que é necessária uma reformulação do conceito de “sala de aula”, que deixa de ser o único lugar para o ato de aprender e passa a ser mais ágil e dinâmico através da interação recíproca de professores, alunos e sociedade, ocorrendo em qualquer espaço, dentro e fora dos limites físicos da Universidade.

Pode-se inferir que, devido ao destaque dado à extensão em seus documentos de criação, este número foi alcançado com a relevante atuação dos docentes deste instituto. Ressalta-se que todos os docentes efetivos do IHAC possuem o título de doutorado. Além disso, observa-se que em seu Projeto de Criação (PIMENTEL *et al.*, 2008), uma das missões apontadas é a produção e socialização dos conhecimentos através da indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão.

A extensão ainda é fortalecida no eixo Integração pesquisa-extensão:

Esse eixo é constituído por Atividades Complementares que têm como função a articulação das duas etapas de formação, incluindo as seguintes modalidades de atividade acadêmica: participação em projetos de pesquisa e extensão, estágio, programas especiais, cursos livres, disciplinas de graduação e de pós-graduação, Atividade Curricular em Comunidade, Atividade Curricular em Instituição, Estágios e quaisquer eventos de natureza acadêmica. Através das Atividades Complementares e, ao longo do percurso acadêmico, os alunos terão a oportunidade de ampliar sua responsabilidade social e capacidades relacionais. (PIMENTEL *et al.*, 2008, p. 17)

Verifica-se que diante deste caráter significativo dado à extensão, este instituto se aproxima de um projeto de Universidade ancorada na realização de uma função social, ou seja, inserida nas realidades que a circundam, buscando tornar o conhecimento aplicado às questões vividas na sociedade e nas comunidades. Este é um avanço que a instituição universitária vem construindo ao longo de sua história, pois o saber aplicado e utilitário era visto com desdém e considerado um desvio dos objetivos da instituição, em sua origem medieval. Assim, essa instituição visava unicamente o preparo de profissionais e a formação de cultura geral para a elite, que eram considerados na época, características de uma Universidade prática (TEIXEIRA, 2006).

Em uma pesquisa realizada na Universidade Federal do Pará, foi investigado de que maneira ações interdisciplinares nas ações extensionistas podem auxiliar na superação das demandas sociais, especificamente em um projeto de educação amazônica com crianças com alto risco social. Verificou-se nos resultados dessa pesquisa que a extensão é um grande instrumento de construção do saber social junto à comunidade, na medida em que estimula a capacitação dos sujeitos para a mobilização das políticas públicas visando uma cidadania mais plena. Além disto, concluiu-se que ações interdisciplinares deste projeto possibilitam um desenvolvimento social, psicológico e educacional destas crianças com alto risco social (MATOS, 2010).

Dessa forma, reforçando a relevância do caráter interdisciplinar de uma ação extensionista, o Plano Nacional de Extensão Universitária (2000), postula que um de seus objetivos é estimular atividades de caráter multi, inter e/ou transdisciplinares e interprofissionais de setores da Universidade e da sociedade.

O Projeto Político Pedagógico dos Bacharelados Interdisciplinares (UFBA, 2008) indica que:

As competências genéricas do projeto são a responsabilidade social e o compromisso cidadão, o compromisso com seu meio sócio cultural, a capacidade para identificar, planejar e resolver problemas, dentre outras. Ou seja, busca-se estimular o diálogo entre o conhecimento e a realidade em questão, entre a teoria e prática, possibilitando vislumbrar resoluções de problemas concretos. E este comprometimento encontra seu caminho de execução através da extensão, que dialogando com a pesquisa, busca avançar e tornar o conhecimento aplicado. (UFBA, 2008)

### **3.1.2 Modalidade das Atividades de Extensão**

Como consta em documento do FORPROEX (2007), as ações extensionistas podem ser divididas em seis categorias, são elas: programas, projetos, cursos, eventos, prestação de serviços e publicações e outros produtos acadêmicos:

- Programas referem-se a um conjunto de projetos e outras ações de extensão;
- Projeto é uma “ação processual e contínua de caráter educativo, social, cultural, científico ou tecnológico, com objetivo específico e prazo determinado” podendo ser vinculado ou não a um programa;

- Curso é ação pedagógica, de caráter teórico e/ou prático, presencial ou a distância, planejada e organizada de modo sistemático, com carga horária mínima de 8 horas e critérios de avaliação definidos
- Eventos são ações que implicam apresentação e/ou exibição pública, com público livre ou específico, de produto artístico, científico, esportivo ou tecnológico (p. 38);
- Já a prestação de serviços se refere à:

Realização de trabalho oferecido pela Instituição de Educação Superior ou contratado por terceiros (comunidade, empresa, órgão público, etc.); a prestação de serviços se caracteriza por intangibilidade, inseparabilidade processo/produto e não resulta na posse de um bem”.

- Publicações e outros produtos acadêmicos referem-se à produção de publicações e produtos acadêmico decorrentes das ações de extensão, para difusão e divulgação cultural, científica ou tecnológica.

Na UFBA, as informações acerca das atividades de extensão são preenchidas no SIATEX pelo docente proponente da extensão através do preenchimento de categorias fechadas que estão em consonância com as orientações do FORPROEX (2007), onde as ações regulamentadas se enquadram em: programas, projetos, cursos, prestação de serviços e eventos, publicação e outros produtos acadêmicos; porém, no SIATEX foi acrescentada uma categoria: outras modalidades, o que pode gerar um esvaziamento na análise do caráter das extensões.

De acordo com o Manual SIATEX (UFBA, 2012):

É importante registrar uma ação porque a extensão é um elemento importante na produção acadêmica da Universidade e a oficialização destas ações conta positivamente para o currículo de todas as pessoas envolvidas na sua execução/participação. Além disso, o registro permite que a PROEXT mantenha um banco de dados atualizado com informações e dados que subsidiam a formulação de políticas de apoio e fomento à Extensão Universitária na Universidade. (p. 03)

Com essa colocação, o SIATEX ratifica a necessidade do registro da extensão pelo seu proponente, já que, é através desta sistematização que as políticas de extensão se embasarão e terão subsídios para a sua institucionalização. Vale ressaltar a importância dessa harmonização entre o SIATEX e o FORPROEX, para a existência e validação da extensão, pois através deste mecanismo de padronização esta função universitária uniformiza-se e sistematiza-se almejando melhores estratégias de avaliação e reconhecimentos da mesma. É destinado ao FORPROEX (2007) este ofício, como consta:

Nesse Relatório são propostas as modificações e atualizações que orientam a definição em sistemas de informação e banco de dados de extensão, seja o SIEXBRASIL ou os sistemas próprios de Universidades. Elas visam, também, atender às informações solicitadas no Censo da Educação Superior – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira / Ministério da Educação (INEP/MEC) – que passou a requerer, a partir do ano-base 2003, informações detalhadas de produção acadêmica em planilhas específicas para a Extensão Universitária. As modificações definidas passaram a vigorar a partir de 1o de janeiro de 2006, de modo a ter-se uma série de informações anuais (p. 31)

Segundo os dados coletados, observa-se que a UFBA tem como maior produção os cursos, seguidos de eventos, projetos, outras modalidades, prestação de serviço, programas e produtos, conforme se observa na tabela 2 e 3. Outras instâncias proponentes referem-se a outras instâncias como hospital universitário, pró-reitorias, coordenações e centros.

Tabela 3  
Produção extensionista (UFBA/IHAC) quanto à modalidade

UFBA							
Ano	Curso	evento	prestação de serviço	Projeto	Programa	outras modalidades	produção e publicidade
2009	248	193	30	85	17	43	4
2010	416	259	37	184	20	59	9
2011	440	316	48	213	43	67	6
2012	328	257	49	182	30	78	13
<b>Total</b>	1432	1025	164	664	110	247	32

Outras instâncias							
Ano	curso	evento	prestação de serviço	Projeto	Programa	outras modalidades	produção e publicidade
2009	6	4	0	2	0	0	0

<b>2010</b>	11	5	0	1	0	2	0
<b>2011</b>	11	9	3	4	0	1	0
<b>2012</b>	5	11	1	8	1	1	0
<b>Total</b>	33	29	4	15	1	4	0

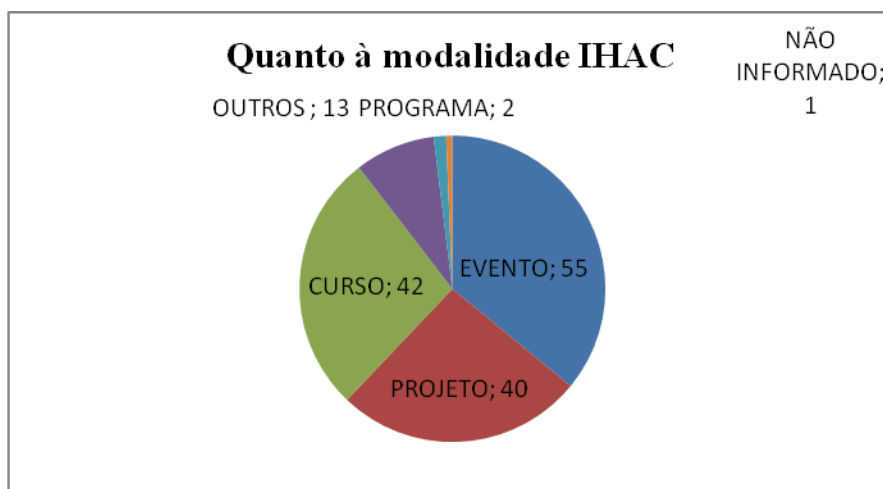
Fonte: Dados da própria autora

Observa-se que em ambas as instâncias, eventos e cursos ocupam os primeiros lugares. Sugere-se que, devido ao caráter breve e à grande gama de possibilidades de atividades se encaixarem na categoria, os eventos e cursos ocupam lugar de destaque. Estes dados corroboram com os achados de Silva (2003), que demonstrou que no período de 1993 a 1996, o número de eventos ofertados na UGFRS foi superior ao de projetos continuados. Sendo, inclusive, a categoria eventos o primeiro registro de extensão nesta Universidade.

Já o IHAC/UFBA tem sua maior realização em eventos, seguido de cursos, conforme se observa no gráfico 2:

Gráfico 2

Produção extensionista quanto à modalidade (IHAC)



Fonte: Dados da própria autora

A produção de projetos, tanto da UFBA quanto do IHAC, segue em maior quantidade, após os eventos e cursos. E a quarta maior produção de ambas as instancias está classificada em outras modalidades e pode-se inferir que este dado não estimula uma análise profunda das extensões já que não caracteriza as ações de forma detalhada.

Vê-se que a categoria “outras modalidades” pode gerar um esvaziamento na análise dos dados, pois ao escolhê-la como categoria que mais se adequa à sua atividade, o

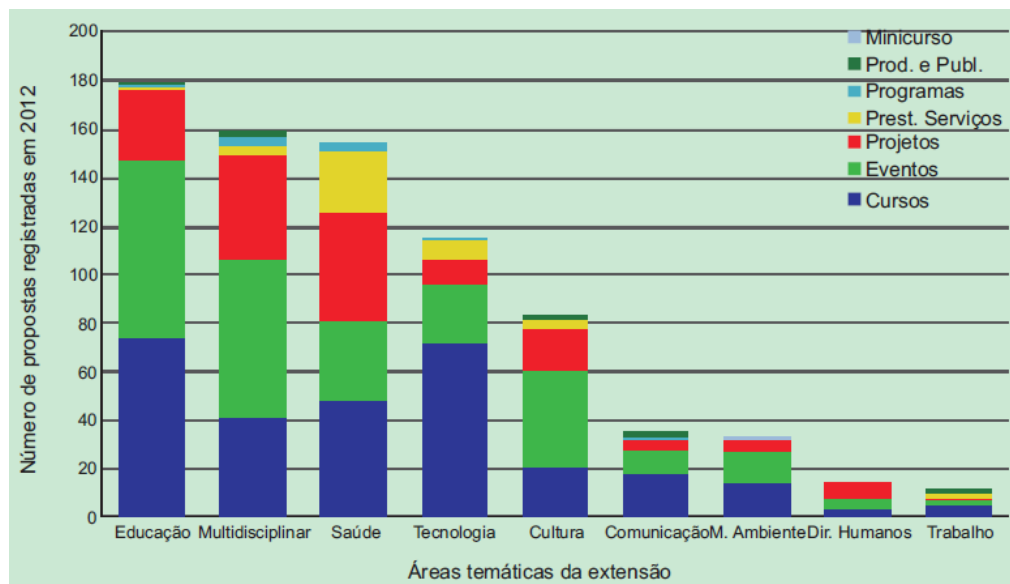


docente expressa que ela não se encaixa às existentes, mas não se manifesta o motivo e nem se comunica em qual categoria se adequaria mais. Estes dados esvaziados dificultam os processos de categorização e sistematização da extensão, devendo ser questionados quanto à sua existência no SIATEX.

Observa-se que os institutos de caráter multidisciplinar, onde se encontra o IHAC, ocupam o segundo lugar no número de propostas registradas no SIATEX. Além disto, consta o dado de que a sua maior produção refere-se a eventos, seguido de projetos e cursos, como visto no gráfico 3:

Gráfico 3

Produção extensionista por área temática



Fonte: Palestra PROEXT/UFBA 2013, VIANA, B.

Assim sendo, foi observado que o IHAC, após outras modalidades, tem sua produção em programas, que são agrupamentos de projetos e também de outras ações de extensão, como os cursos, eventos e prestação de serviços, sendo articulados à pesquisa e ao ensino. Verifica-se que o IHAC não possui nenhuma produção em prestação de serviço e em publicação/outros produtos acadêmicos. Segundo Rocha (2001), a modalidade prestação de serviço se destacou no Brasil nos anos 1930, já que com a repressão dos movimentos estudantis, seus líderes e responsáveis pela educação superior dão um caráter menos político e mais de prestação de serviços à extensão. Em documento, o FORPROEX considera que

“quando a prestação de serviço é oferecida como curso ou projeto de extensão deve ser registrada como tal (curso ou projeto)” (p.39), além disto, as prestações de serviço são classificadas em: atendimento ao público em espaços de cultura, ciência e tecnologia, serviço eventual, atividades de propriedade intelectual, exames e laudos técnicos, atendimento jurídico e judicial, atendimento em saúde humana, atendimento em saúde animal (FORPROEX, 2007).

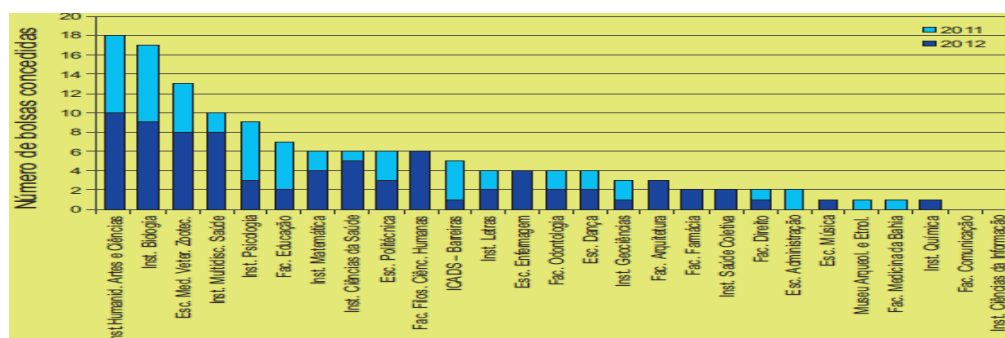
Publicação/outras produtos acadêmicos, segundo o FORPROEX, precisam ser registrados e relatados, embora não sejam considerados como ações de extensão, já que na realidade, a sua produção é parte da implementação da ação de extensão, gerando-as como resultado. Uma das dificuldades de identificação das publicações/outras produtos acadêmicos é que eles são, geralmente, incluídos como produção científica, nos sistemas de registro em uso nas Universidades e agências. E o Censo da Educação Superior/2005 “solicita essas informações como Produção Científica, não distinguindo a produção gerada pela Extensão Universitária” (FORPROEX, 2007, p. 44).

Atenta-se que uma atividade não foi registrada em sua modalidade, visto que o SIATEX possibilita o proponente não preencher todas as informações.

Ressalta-se que na resolução 02/2012, o Conselho Acadêmico de Pesquisa e Extensão (CAPEX) regulamenta a Extensão Universitária na UFBA e nele se destaca o Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária (PIBIEX), que “visa fomentar a extensão universitária, em articulação com o ensino e a pesquisa, pela interação transformadora entre a Universidade e outros setores da sociedade, visando, também, contribuir para a formação cidadã dos participantes”. O número de solicitações das bolsas PIBIEX nos anos 2011 e 2012, pode ser visualizada no gráfico 4, onde se destaca que o IHAC ocupa primeira posição:

Gráfico 4

Número de solicitação do PIBIEX na UFBA



Fonte: Palestra PROEXT/UFBA 2013, VIANA, B.

Na UFBA, no ano 2012, a PROEXT expediu 255 bolsas, sendo 85 referidas à Ação Curricular em Comunidade e Sociedade (ACCS), 80 do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Extensão (PIBIEX) e 90 referidas ao Projeto PROEXT.

Desta forma, através de seu reconhecimento institucional, da consonância conceitual com o FORPROEX e do estímulo através de financiamento, a extensão na UFBA tem sido papel substancial para esta instituição avançar em suas últimas finalidades: ser útil à sociedade, produzir conhecimento científico dialogado com as questões iminentes contemporâneas.

Em relação às modalidades das atividades de extensão, na tabela 4, pode ser visto a produção extensionista no ano 2012:

Tabela 4

Produção extensionista na UFBA em 2012

MODALIDADES	PROPOSTAS REGISTRADAS	PARTICIPANTES
PROGRAMA	10	613
PROJETO	161	3668
CURSOS E MINI CURSOS	297	7219
PUBLICAÇÕES E OUTROS PRODUTOS ACADÊMICOS	47	1632
PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS	44	645
ACCS	DISCIPLINAS OFERTADAS:	ESTUDANTES

	45	MATRICULADOS: 1085
CERTIFICADOS EXPEDIDOS	18890	

Fonte: Viana, 2013

Contribuindo com a discussão acerca das modalidades de extensão universitária, Lins (2002), argumenta que para que a extensão seja de fato ampliada para além dos cursos e palestras, a Universidade necessita responder às demandas externas na área do desenvolvimento social e tecnológico, como pesquisa de produtos e processos, prestação de serviços e na melhoria do bem-estar social, através de projetos de desenvolvimento social em comunidades, propostas culturais, assessorias e apoio a movimentos populares e sindicais. O Plano Nacional de Extensão Universitária (2000) propõe como objetivo possibilitar novos meios e processos de produção, inovação e transferência de conhecimentos, estimulando a ampliação do acesso ao saber e o desenvolvimento tecnológico e social do país, através das ações extensionistas.

Observa-se que o estímulo à extensão através da bolsa PIBIEX, é fundamental para que estes graduandos possam se aproximar de práticas que vão além da pesquisa e do ensino. Em um artigo (BIONDI; ALVES, 2011) elaborado a partir de experiência extensionista realizada na Universidade Federal do Paraná (UFPR), que visou avaliar a contribuição da extensão para os estudantes deste curso, os resultados apontaram que 30% dos alunos demonstraram que a extensão é relevante para que sejam realizadas atividades que não são encontradas na grade curricular do curso e 20% apresentou que a extensão é instrumento necessário para a prática de ensino que é desenvolvida em sala de aula. A maior contribuição pessoal obtida pelos alunos foi vencer a timidez e conseguir falar em público além de, sugerirem que Universidade valorize mais a extensão estabelecendo obrigatoriedade nas graduações a fim de promover maiores oportunidades à comunidade universitária de praticarem a cidadania.

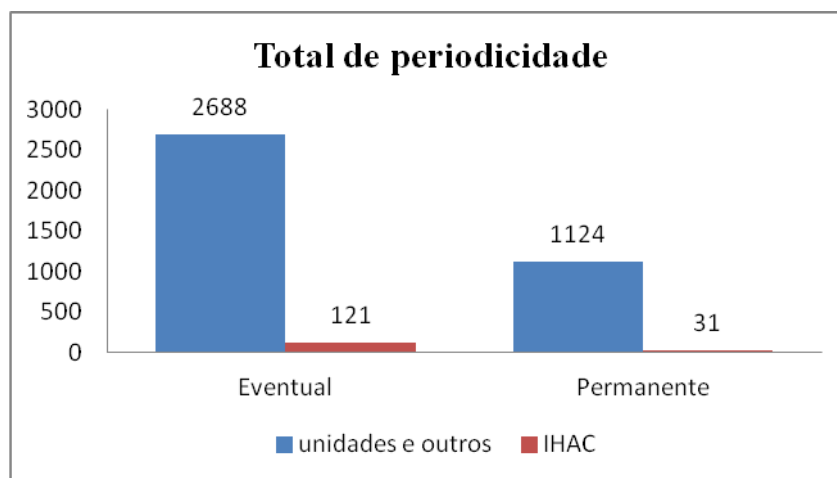
### **3.1.3 Periodicidade das Atividades de Extensão**

De acordo com o regulamento de extensão universitária da UFBA, as ações de extensão podem ser classificadas como permanentes ou temporárias. Ações permanentes caracterizam-se como atividades realizadas por dois ou mais períodos consecutivos e as temporárias, por períodos mais curtos do que estes (UFBA, 2012).

Sendo as ações extensionistas caracterizadas em relação à sua periodicidade, nota-se que tanto na UFBA quanto no IHAC, as ações com caráter eventual são expressivamente maiores do que as com caráter permanente e estes dados corroboram com as formas de ação das extensões, que em sua maioria são eventos e cursos, nestas duas instâncias, conforme se observa no gráfico 5.

Gráfico 5

Produção extensionista quanto a periodicidade UFBA/IHAC



Fonte: Dados da própria autora

A característica temporal não permanente destas ações pode sugerir que o vínculo que os docentes estabelecem com a extensão varia de forma sazonal, de acordo com seus interesses de pesquisa, com os financiamentos e com os interesses dos alunos e bolsistas, assim, a efetivação de uma ação permanente se torna mais tímida.

## 3.2 MAPEAMENTO DAS EXTENSÕES DO IHAC

### 3.2.1 Produção Anual

O IHAC surge, em 2009, num período de expansão do ensino superior no Brasil, no âmbito do desenvolvimento do projeto REUNI (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI) e com ele, implanta a modalidade de ensino organizada no sistema de ciclos em que o estudante inicia seus estudos com uma formação generalista nas quatro grandes áreas (humanidades, artes, saúde e ciência e tecnologia), com duração de em média três anos, se tornando bacharel na área escolhida.

Esse primeiro ciclo dos Bacharelados Interdisciplinares é oferecido pelo IHAC e possui como eixo integrador a perspectiva da interdisciplinaridade. Após esta etapa concluída, ele pode seguir para uma pós-graduação, para um curso de progressão linear (CPL), que são os cursos tradicionais, como Psicologia, Medicina, Matemática, etc. ou para o mercado de trabalho, já que esse curso tem terminalidade própria.

O IHAC, no período de efetivação final desta pesquisa (2012.2) possuía em seu quadro, 53 docentes e, seguindo os parâmetros de construção deste instituto, para a sua admissão como docente permanente, deve possuir o título de doutor.

Como o IHAC foi criado no âmbito da reforma do ensino superior no Brasil, visando uma reestruturação da sua arquitetura curricular, o Anteprojeto de Lei da Reforma da Educação Superior (2006) estabelece normas e regulamentos que irão fundamentar estas profundas transformações. Em seu artigo 3º, sanciona que a educação superior é bem público e a sua função social é cumprida através de atividades de ensino, pesquisa e extensão, deixando claro assim, que o alicerce da Universidade é cumprir a sua função social, através das suas três funções, de forma não categórica, pois tanto a pesquisa, o ensino e a extensão têm a sua relevância e interdependência. Já em seu artigo 4º parágrafo VII, é afirmado que “A promoção da extensão, como processo educativo, cultural e científico, em articulação com o ensino e a pesquisa, a fim de viabilizar a relação transformadora entre Universidade e sociedade” (p. 3).

Diante destas referências postas, vê-se que em sua gênese, a reforma do ensino superior no Brasil, visa e enfatiza o papel social da Universidade, assim, a extensão passa a ter função central nesta mudança de paradigma. Seguindo com as Diretrizes Gerais da Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) (BRASIL, 2007), que fundamentam a criação do IHAC, lê-se que dentre os seus principais objetivos, em seu Compromisso Social da Instituição, há o fomento de Políticas de Extensão Universitária.

Em seu Projeto de Criação do IHAC (PIMENTEL *et al.*, 2008), corroborando com os documentos apresentados acima, há um reconhecimento da extensão como pilar da Universidade. Dentre os seus objetivos, encontra-se:

Desenvolver atividades de extensão, permanentes e eventuais, agregando centros, programas e projetos de extensão, considerando a complexidade das experiências e práticas culturais contemporâneas, sobretudo o valor do imaterial no contexto contemporâneo (p. 9)

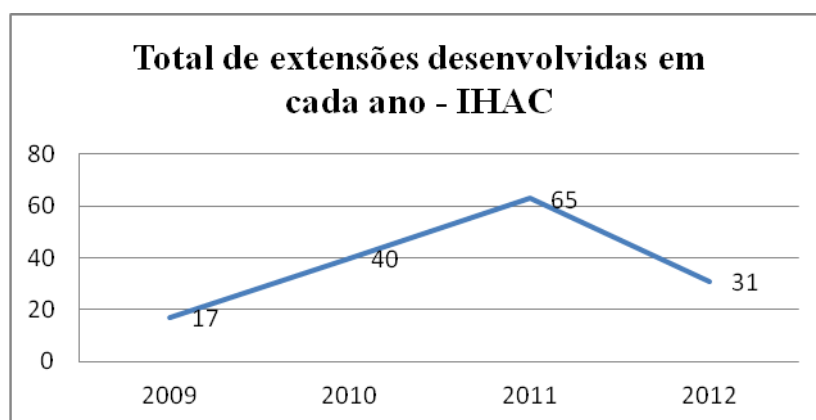
Verifica-se, assim, que o Instituto, concebendo a realidade como complexa, dentro do seu contexto interdisciplinar, propõe a extensão como instrumento de ação para lidar com os problemas do mundo real através de uma produção do conhecimento que agregue este entendimento.

A pesquisa dos dados referentes ao IHAC extraída do banco de dados SIATEX, apresenta como primeiro fator de análise o número de propostas que não foram aprovadas pela instancia mediadora – congregação – ou foram devolvidas pela PROEXT ao proponente: das 235 enviadas, 82 não foram efetivadas, diante desses números, cabe o desenvolvimento de uma análise aprofundada pelo IHAC e pela PROEXT buscando esclarecer os motivos da não aprovação destas 82 propostas.

Em relação às atividades desenvolvidas pelo IHAC, observa-se no gráfico 6 que houve um crescimento na quantidade de atividades registradas no SIATEX, nos anos 2009 a 2011 e uma queda no ano 2012, corroborando com a produção total da UFBA que também decresceu neste mesmo período. Com relação ao número de docentes do IHAC, entre os anos 2010 e 2011 houve contratação de 3 professores, o que pode ter influenciado na produção extensionista deste período, que cresceu; já de 2011 para 2012, houve uma queda no número de 3 docentes no instituto, havendo uma queda na produtividade da extensão, como pode ser visto no gráfico 6:

Gráfico 6

Total de extensões desenvolvidas em cada ano (IHAC)

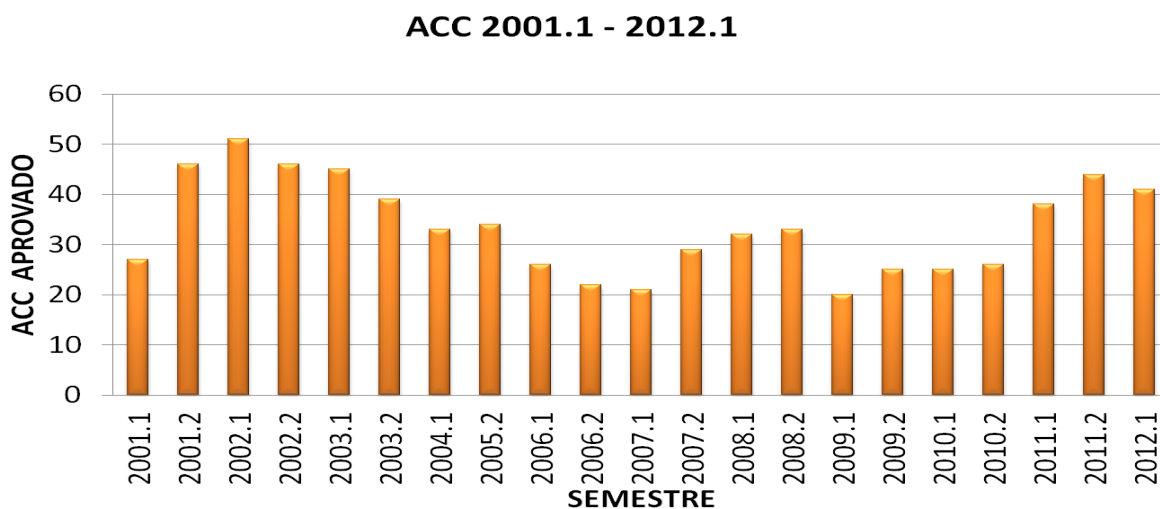


Fonte: Dados da própria autora

Configurada como atividade de extensão, a Ação Curricular em Comunidade e Sociedade (ACCS) é um componente curricular, com formato de disciplina, disponível para a graduação e pós graduação (carga horária mínima de 17 horas semestrais), conforme a resolução número 01/2013 do CONSEPE, em que docentes e discentes desenvolvem ações de extensão com setores da sociedade, no campo da criação, tecnologia e inovação, estabelecendo um intercâmbio, reelaboração e produção de conhecimento sobre determinado contexto e tem a perspectiva de sua transformação. A ACCS deve ser desenvolvida através de uma base teórico e prática, dialética, dialógica e participativa, através das suas intervenções em comunidades e sociedade, almejando o enfrentamento dos problemas que se configuram na realidade contemporânea<sup>4</sup>. No gráfico 7 apresentado pela PROEXT, observa-se o crescimento no número de matrículas no componente ACCS, em toda a UFBA, do semestre 2009.1 à 2012.2:

Gráfico 7

Número de matrículas da ACCS na UFBA 2009/2012



Fonte: Palestra PROEXT/UFBA 2013, VIANA, B.

O documento Memorial UFBA Nova (2010) conta que a área de extensão experimentava forte dinamismo e expansão, em meados de 2002, principalmente devido à consolidação de um programa pioneiro, a ACC. 444 estudantes de 38 cursos (cerca de 70% do

<sup>4</sup> Informação disponível no site: <http://www.proext.ufba.br/accs>. Acesso em 26 março 2014

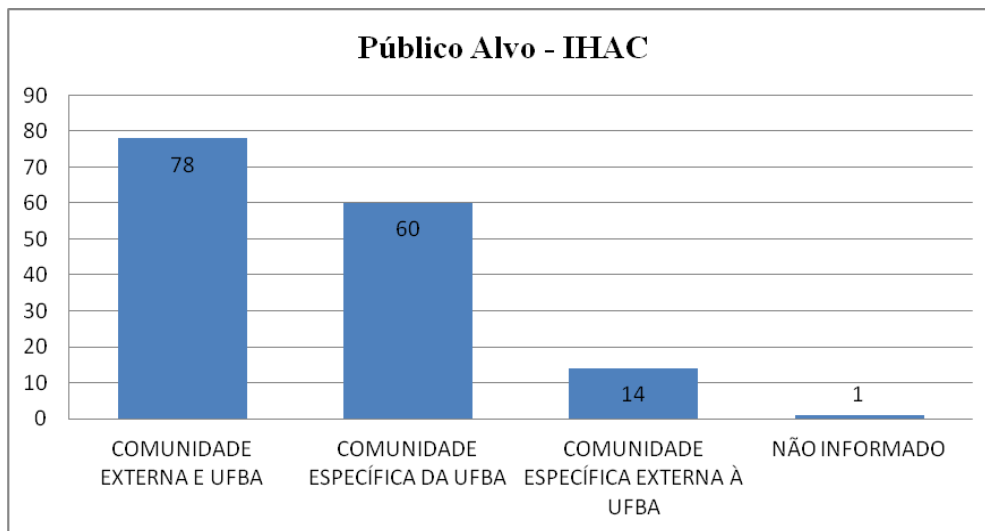


total de cursos de graduação então existentes na UFBA) registraram-se em 42 grupos de ACC. Além disso, modalidades tradicionais de extensão, como cursos de atualização e eventos, totalizaram 934 atividades regularmente registradas, sendo expedidos 19.509 certificados. Já o setor de prestação de serviços de saúde, particularmente a assistência hospitalar, passava por seria crise, com redução de leitos nos hospitais-escola. Por fim, a relação extensão-pesquisa, não houve registro de patentes requeridas ou marcas produzidas por docentes e pesquisadores da UFBA naquele ano ou antes dele.

### **3.2.2 Público Alvo**

Fator de relevância nesta análise das extensões do IHAC, o público alvo é uma categoria aberta no SIATEX e o proponente a preenche através da escrita livre ao se referir para quem ele destina a atividade a qual coordena. Diante de todas as respostas analisadas, foram criadas três categorias. A primeira – comunidade externa e UFBA – alude às respostas que englobavam qualquer cidadão que não está inserido na comunidade acadêmica e também os que estão inseridos nela. A segunda categoria – comunidade específica da UFBA – se refere às respostas em que o proponente restringiu o acesso à atividade àqueles que já estão inseridos no contexto da UFBA. Por último, a categoria comunidade específica externa à UFBA, se refere às ações que os seus proponentes a destinaram exclusivamente aos que não têm acesso à Universidade.

Gráfico 8  
Público alvo (IHAC)



Fonte: Dados da própria autora

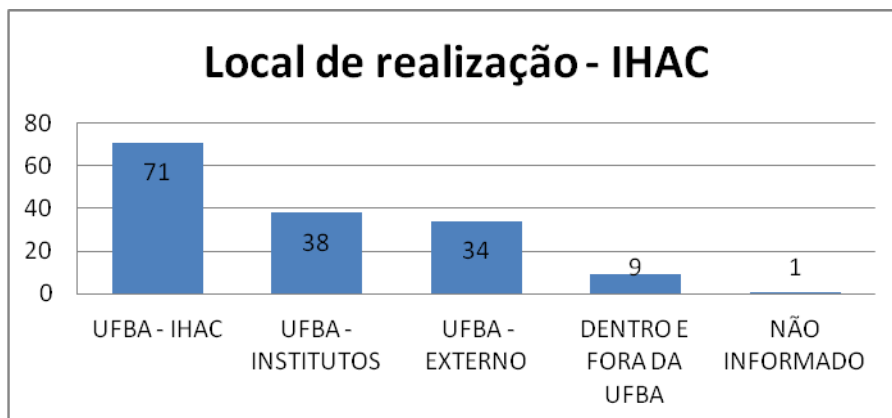
Concebendo a extensão universitária como o diálogo entre Universidade e sociedade, espera-se que através desta ação, setores sociais como comunidades específicas e o terceiro setor estabeleçam uma relação emancipadora com esta instituição. Assim, vê-se que em sua maioria, os docentes informaram que sua atividade era destinada ao público externo e interno à UFBA, porém, também foram registradas em grande número de atividades destinadas especificamente ao público interno da UFBA. Este é um quadro de conteúdo polarizado, pois parte dos docentes percebem que a extensão deve atingir sujeitos que não tem acesso à Universidade pelo ingresso tradicional (vestibular ou ENEM), já outra camada significativa destina suas atividades de extensão aos sujeitos que já fazem parte da UFBA.

Quatorze atividades foram classificadas ao público externo à UFBA estritamente e este é um dado relevante, apesar de inferior às duas categorias anteriores, porque sugere que estes proponentes estão destinando suas ações aos sujeitos que não tem acesso à Universidade pelas vias tradicionais e através da extensão, contribuem para que o conhecimento seja produzido e tenha sua finalidade conquistada por populações que não têm acesso à Universidade.

### 3.2.3 Local de Realização

Consta no Projeto de Criação do IHAC (PIMENTEL *et al.*, 2008), em um dos seus objetivos, que é função do IHAC articular diferentes campos de conhecimento, *dentro e fora* da UFBA, na perspectiva de “ampliar e qualificar a pesquisa, acolhendo centros, programas e projetos que tenham clara inspiração mit-disciplinar”. Desta forma, sendo a extensão o veículo propulsor do dinamismo e oxigenação da pesquisa, cabe-se refletir sobre onde estão ocorrendo estas atividades. Diante disto, acerca do local de realização das atividades de extensão realizadas no IHAC, analisa-se o seguinte gráfico:

Gráfico 9  
Local de realização (IHAC)



Fonte: Dados da própria autora

Observa-se que a grande maioria das atividades de extensão do IHAC ocorreu dentro do próprio instituto (71), seguido de outros institutos (38) e este dado corrobora com o público alvo destinado às atividades que foi relevantemente a comunidade específica da UFBA.

Documentos que tratam da extensão universitária postulam que a extensão se fundamenta no diálogo da Universidade com os variados setores sociais, incluindo “comunidades, entidades não governamentais, órgãos federais, estaduais e municipais” (BRASIL, 2000). Esta troca e produção de novos conhecimentos pode ser realizada no espaço físico da Universidade, em locais ao redor dela e em outros *lócus* específicos, como uma comunidade específica ou um projeto específico, que pode até se localizar em outro município que não o da Universidade. O que impera neste quesito é a finalidade e a metodologia

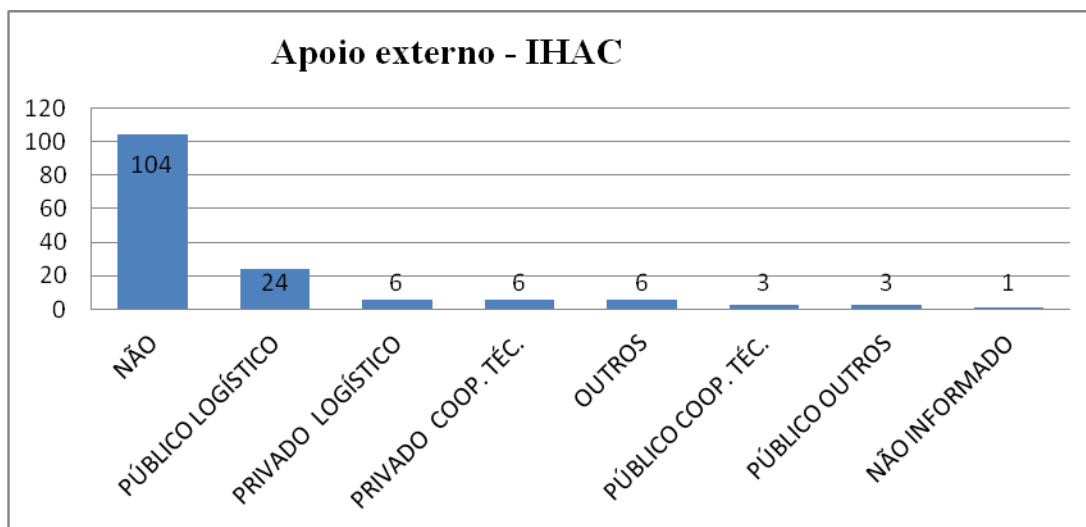
utilizada pela ação e não especificamente o local onde se realiza, já que, populações que não têm acesso à Universidade, pode interagir com ela em atividades desenvolvidas em seu interior ou na sua própria comunidade.

### 3.2.4 Apoio Externo

Referenciando o Projeto de Criação do IHAC (PIMENTEL *et al.*, 2008), observa-se que um dos seus objetivos é “Buscar a cooperação acadêmica e cultural com instituições congêneres, nacionais e internacionais, que busquem desenvolver conhecimentos mit-disciplinares” (p. 9).

Diante disto, percebeu-se a necessidade de um mapeamento que apresentasse através do caráter apoio externo, identificar de que maneira o IHAC vem dialogando com setores variados da sociedade para realizar suas ações extensionistas.

Gráfico 10  
Apoio externo (IHAC)



Fonte: Dados da própria autora

Esses dados apontam que a maioria expressiva das atividades ocorridas da UFBA não teve apoio externo de nenhum tipo (104) e isto pode surgir ao relevante número de atividades que tiveram apoio da própria Pró-reitoria de Extensão da UFBA. Já em relação aos

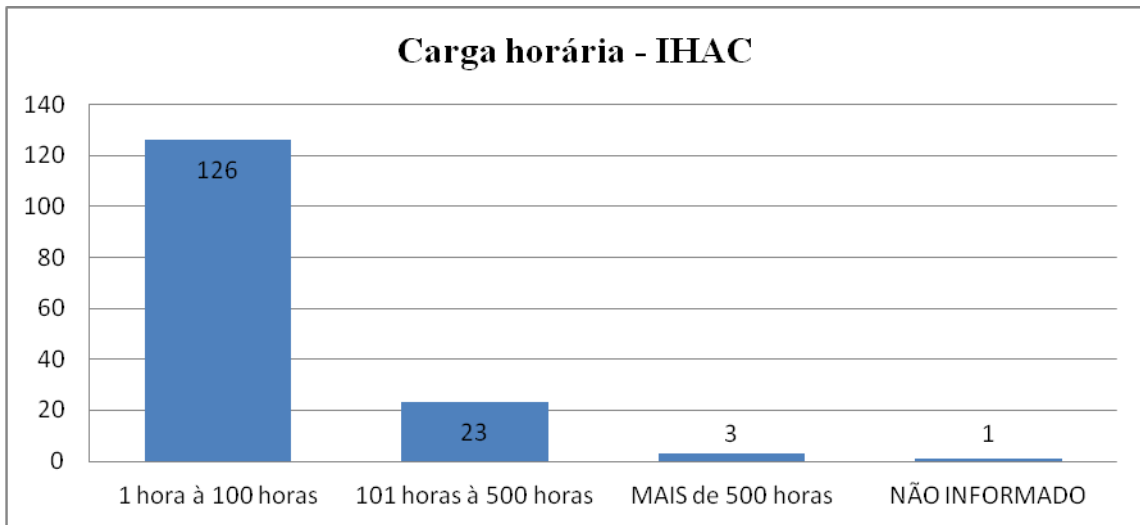
apoios efetivados, observa-se que a maioria foi oriunda dos setores públicos (30) e isto pode ter ocorrido devido à abertura do Estado e prefeitura da Bahia ao estímulo às atividades culturais e de promoção à saúde. O Plano Nacional de Extensão Universitária (2000) determina que um dos seus objetivos é valorizar os programas de extensão interinstitucionais, sob a forma de consórcios, redes ou parcerias, e as atividades voltadas para o intercâmbio e a solidariedade internacional, ou seja, o diálogo entre Universidade e os variados setores sociais através de variadas formas de vínculos.

Em estudo desenvolvido no Rio Grande do Sul (SILVA, 2003) , que visou mapear e analisar as extensões desenvolvidas nas Universidades deste estado, foram destacadas as parcerias que as atividades de extensão vem desenvolvendo na Universidade Católica de Pelotas. Em primeiro lugar o apoio dos poderes públicos, seguidos dos grupos organizados, as empresas, sociedade civil e organizada, e por fim, todos os interessados. Já os discentes têm o apoio do poder público, população carente, sindicatos, associações, e por fim, sociedade civil. Diante disto, observa-se que as relações que a Universidade estabelece com a sociedade, visando apoio para as suas ações extensionistas, apresentam-se de formato variado e com diversos setores.

### **3.2.5 Carga Horária**

Em relação à carga horária das extensões registradas no SIATEX, observou-se que a grande maioria das ações registradas pelos docentes do IHAC possuiu carga horária de até 100 horas, conforme se verifica no gráfico 11:

Gráfico 11  
Carga horária (IHAC)



Fonte: Dados da própria autora

Visando um aprofundamento à quantidade de horas destinadas à realização destas ações acima observadas, mensurou-se que das 126 atividades com até 100 horas de duração, 98 teve até 20 horas, 15 ações entre 21 e 60 horas e 16 atividades com 61 a 100 horas. Ou seja, a maioria das atividades no intervalo de 1 a 100 horas refere-se a ações de até 20 horas.

Os dados referentes à carga horária estão de acordo com as informações obtidas nas categorias das atividades do IHAC, onde se pode observar que a sua maioria são eventos, que possuem menor carga horária do que os projetos.

Esta carga horária de atividades destinadas à extensão é de fundamental importância para uma formação do graduando, como consta em documento no Plano Nacional de Extensão Universitária (2000), a formação do profissional cidadão, se faz através de sua interação com a sociedade, para se localizar e identificar historicamente e culturalmente e/ou para fundamentar sua formação técnica com os problemas que irá se deparar em sua prática profissional.

## ESTUDO II

## **4 ESTUDO II**

### **4.1 A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA PERSPECTIVA DOS DOCENTES DO IHAC**

Almeja-se neste texto, uma análise de parte da realidade social da Universidade: a extensão universitária e para isto, elegeu-se o olhar dos docentes como um instrumento qualitativo de aproximação da temática. Busca-se compreender as formas de atuação da Universidade quem constroem, ou ao menos, anseiam construir uma relação com a sociedade, entendendo o seu papel de mediação entre produção do conhecimento científico e a sociedade.

Além de mapear e analisar as extensões desenvolvidas no IHAC, considerou-se pertinente uma análise das percepções dos docentes acerca da extensão, como um possível instrumento que possibilitasse o acesso a uma maior dimensão do caráter da extensão desenvolvida nesse instituto e um direcionamento a questões de cunho qualitativo. Sabe-se que todos os atores sociais envolvidos com a Universidade, docentes, discentes, servidores e sociedade, têm papel fundamental da construção da função extensão, mas devido ao tempo de execução desta pesquisa, elegeu-se um grupo de análise: os docentes. Foram realizadas as entrevistas semi-estruturadas e, para análise das mesmas, cinco categorias temáticas foram identificadas para que abarcassem os principais aspectos tocados pelo discurso dos docentes entrevistados. Os docentes entrevistados estarão identificados com os codinomes P1 à P10, tendo as suas identidades preservadas.

As cinco categorias desenvolvidas foram: as concepções e conceituações acerca da extensão universitária; o IHAC e a extensão universitária; a extensão e o trabalho docente; a relação ensino-pesquisa-extensão; a extensão nas diferentes áreas do conhecimento.

#### **4.1.1 Concepções e Conceituações acerca da Extensão Universitária**

As definições e sistematizações conceituais acerca da extensão são um vasto e profícuo campo de pesquisas e publicações, já que, pela complexidade do tema, há uma polissemia de significados e, por isso, despende-se grande esforço em alcançar um senso comum do que seria esta função universitária. Sabe-se que a expressão “extensão universitária” existe desde 1931, na edição da primeira lei sobre a Universidade. Desde 1968



as leis sobre o ensino superior definiam que a ação da Universidade deveria ser pautada pela indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão. (FRANTZ e SILVA, 2002). Além disto, sabe-se que o preceito da indissociabilidade consta nos estatutos nas instituições, garantindo este diálogo.

Refletir sobre a extensão engloba, em certa medida, pensar sua relação com o ensino e a pesquisa, como se pode constatar na fala do docente P4:

A gente **faz extensão muito subordinado a pesquisa** nos momentos que a gente acha que a gente tem que divulgar a pesquisa pra comunidade acadêmica. É um **evento** aberto ao público, gratuito, com palestrantes para discutir; momentos de debates. (...) Publicizar o conhecimento, socializar, receber a crítica da sociedade, então o sentido é esse. **De certa forma, a gente faz isso quando publica um artigo, uma pesquisa num congresso acadêmico**, a gente está recebendo pontos para a UFBA, só que é uma forma particular de fazer extensão. (P4/Grifo da pesquisadora)

Na explanação deste docente constam algumas ideias: a de que a extensão está submetida à produção de pesquisa; a de que a extensão se faz em ações endógenas, como eventos para a própria comunidade acadêmica, nesse sentido, congressos referem-se à ação extensionista. Vê-se que o docente aproxima o conceito de extensão ao de ensino, na sua capacidade de transmitir conhecimentos para os próprios pesquisadores e alunos e por ser uma produção que possui certa dependência da pesquisa. Já o docente P2, também percebe a extensão intrinsecamente ligada à pesquisa, mas já a percebe como fazendo parte de um “currículo não tradicional”:

Eu encarei as atividades de extensão como um momento adicional, uma oportunidade dos alunos terem acesso a um determinado conhecimento, a novos conceitos, a algumas idéias. Não necessariamente como se fosse uma aula e sim como um levantamento de pesquisa, de ações, de atitudes e resultados outros que não são vistos no currículo tradicional. Nesse sentido que eu particularmente vi o curso de extensão como **algo como uma divulgação científica, algo muito próximo, embora não seja jornalismo científico**. (P2/Grifo da pesquisadora)

Frantz e Silva (2002) postulam que a história da extensão na Universidade brasileira não existiu através de uma homogeneidade sobre o que seria e como a extensão deveria ser realizada. Sempre se debateu sobre o lugar, o espaço da extensão, ora apresentada como uma nova função da Universidade e ora entendida como atividade-fim e complementar. Assim,

diante destas duas definições acima apresentadas, vê-se que, mesmo com os avanços já publicados em pesquisas e documentos educacionais sobre o que define uma ação extensionista, os docentes ainda não têm acesso a estas definições, ainda concebendo-a como uma “atividade-consequência” da pesquisa. O docente P6 oferece uma contribuição interessante quando constrói a definição da extensão a partir da lógica da exclusão, ou seja, existindo uma maior clareza do que seja o ensino e a pesquisa, e o que não se encaixa nestas duas funções, ou seja, o que sobra, é dedicada à extensão:

Talvez a palavra que melhor defina a extensão, seja mesmo atividade. Mas a extensão é muito importante, eu vejo em um nível muito próximo da pesquisa e do ensino. **Não é uma aula, não é uma atividade de pesquisa, não é um artigo, o que pode ser? Por exclusão!** (P6/Grifo da pesquisadora)

Definições de extensão que são pautadas no critério de exclusão são ainda difundidas na comunidade acadêmica, mesmo já existindo sistematizações que a organizam e definem. Gurgel (1986), ao tratar a questão da problemática da conceituação da extensão, defende o argumento de que essa diversidade de definições seja um dos motivos das sobrevivências da instituição universitária e do reconhecimento de sua importância pela sociedade. E, na medida em que se conta com formas diversas de percepção em relação ao conceito da instituição de ensino superior, existem diferentes maneiras de encarar o relacionamento Universidade/sociedade e, logicamente, a extensão universitária.

A fala do docente P10 corrobora com a concepção do P6:

Eu uso o termo **atividade** porque não encontro algo que melhor caracterize ela, ela não é uma atividade que a princípio se encaixe como atividade de pesquisa ou o que a gente chama de atividade de ensino. (P/10)

O docente P3 acrescenta um caráter formativo à extensão, em que os alunos, antes de finalizar a sua graduação, têm experiências, através da extensão, com o mercado de trabalho. Esta definição se aproxima da função que os estágios têm na formação do estudante:

Paralelo ao seu curso, o alunado já poderia ter uma inserção no mercado de trabalho, vamos dizer se aproximar mais das noções artísticas profissionais. (...) Passei a fazer um trabalho de extensão mais voltado para esse **caráter formativo desse alunado** (P3/Grifo da pesquisadora)

Freire (2009) questiona: “por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?” (p.30). Esta indagação fundamenta o princípio que concebe a interdependência entre o trabalho teórico e o prático, entre método e conteúdo, em que a vivência pessoal do estudante deve estar atrelada ao conhecimento experimentado na Universidade.

O docente P8 acrescenta um elemento significativo em sua definição, o caráter da retroalimentação entre a pesquisa, o ensino e a extensão. Além disto, concebe a Universidade como uma das fontes de conhecimento e não a única.

Ao aplicar a extensão eu converso muito com alunado, o nosso olhar atento precisa não acreditar que é aqui que o conhecimento está garantido, porque aí a gente pára, a gente pára essa produção e esse dinamismo que precisa ter. Então eu sempre pensei a **extensão como essa possibilidade de trazer para alimentar o nosso fazer**. Se aqui é um espaço de produção do conhecimento, não apenas formativo, mas de produzir o novo, onde é que estão esses outros fazeres, **onde que está esse exercício extra muro das Universidades?** Isso é o que me interessa como possibilidade de diálogo dessa extensão, **retroalimentação e não ir mostrar alguma produção que supostamente fosse superior ao conhecimento que estão fazendo fora da Universidade** (P8/Grifo da pesquisadora)

Frantz e Silva (2002) explanam que a extensão foi sempre um conceito ligado à idéia de função social da universidade e a forma pela qual poderia intervir junto a setores sociais em sua volta. É de longo tempo a compreensão de que a Universidade deveria promover a extensão do saber por ela produzido. O ensino foi sua função primeira, passando, posteriormente, para a pesquisa e, somente nos últimos tempos, foi-lhe acrescentada a função de extensão.

Ampliando a definição para o aspecto metodológico, ou seja, como ela deve ser desenvolvida, o docente P1 elucida a necessidade de uma ação de caráter interdisciplinar, movido pelas demandas da comunidade e não meramente uma aplicação dos conhecimentos acadêmicos.

A extensão universitária é uma atividade eminentemente voltada pra um **trabalho com a comunidade**, que deve ser feito numa **perspectiva interdisciplinar**, com um conhecimento, digamos assim, **movido pela demanda da comunidade**. Ela deve responder à demanda da comunidade, que é eminentemente prática, buscando uma aproximação dos estudantes com a comunidade (...) **não é uma relação assim de aplicação da teoria na prática, é uma construção com fundamentos teóricos**. (P1/Grifo da pesquisadora)

Segundo Gramsci (1984), a Universidade deveria ter um papel revolucionário e transformador das relações sociais capitalistas, formulando uma nova cultura capaz de possibilitar, ao homem, tomar posse da própria personalidade e compreender seu valor histórico, sua função na vida, seus direitos e seus deveres. Complementando a concepção de que a extensão é um elo, uma ligação entre sociedade e comunidades/setores sociais, o docente P7, diz: “Bom, se eu fosse pensar numa imagem, **seria uma ponte**, esse acesso aí, essa ligação, digamos assim, com a instituição e com a sociedade (P7)”.

Nesse sentido, Frantz e Silva (2002) contribuem ao afirmarem que a extensão seria a expressão do compromisso social do próprio conceito de Universidade, sendo uma concepção que se origina no momento em que é adotado o modelo de Universidade, no momento em que ela é construída ou que se queira dar-lhe objetivos sociais, políticos e culturais. Os autores partem da idéia de que os modelos de Universidade e de extensão universitária estão imbricados, já que, é a partir de um projeto de Universidade que a extensão vai construir o seu lugar nessa instituição. Esse pensamento foi encontrado nos relatos de alguns docentes:

Quando eu penso a extensão, esse equívoco de que algumas vezes a gente ouve dizer o que seria a extensão, uma espécie de prestação de contas a sociedade, eu acho isso ruim, na verdade **nosso exercício docente, o papel da instituição é de vínculo constante com a sociedade**. Então, não é imaginar que a gente precisa da extensão para pensar essa relação, isso é uma coisa que incomoda um pouco. Assim, parece que aqui dentro tem um conhecimento que lá fora não, acaba hierarquizando essa idéia e a extensão é para mim é justamente o contrário, é a possibilidade das nossas pesquisas serem enriquecidas com esse contato externo; com aquele conhecimento que está fora do nosso muro também (P5/Grifo da pesquisadora)

Pode-se considerar que a extensão é um trabalho que se realiza na realidade objetiva e é exercido por membros da comunidade, Universidade – servidores e alunos. Um trabalho de busca do objeto para a pesquisa e para o ensino, se constituindo como possibilidade concreta de superação da pesquisa e do ensino realizados, mais das vezes, fora da realidade concreta (MELO NETO et al, 2002). Assim, pensar a extensão é pensar a finalidade do conhecimento produzido na Universidade e mais que isso, como produzir o conhecimento nesta instituição. Vê-se que é através dos diálogos com a sociedade que se questiona a pertinência de uma pesquisa, o seu caráter de aplicabilidade e a sua relevância social.

Segundo Lins (2002), para que a extensão efetivamente seja ampliada para além da informação (cursos de extensão, palestras, etc), se faz necessário que a Universidade responda às demandas externas na área do desenvolvimento social e tecnológico (pesquisa de produtos e processos, prestação de serviços) e na melhoria do bem-estar social (projetos de desenvolvimento social em comunidades, propostas culturais, assessorias e apoio a movimentos populares e sindicais). O autor amplia as possibilidades de ação da extensão e para isso, é imprescindível estar atento às demandas que a sociedade apresenta e a partir delas, problematizar possíveis pesquisas ou intervenções, a partir da extensão. Lins ainda complementa que pensar a extensão considerando os saberes populares e acadêmicos no modo de sentir/pensar/agir, coloca a possibilidade de diálogo e de vinculação da Universidade (ensino/pesquisa/extensão) com a sociedade da qual faz parte (LINS, 2002).

Verifica-se na revisão de literatura realizada e nos dados da primeira etapa desta pesquisa que a maioria das ações extensionistas se dão no formato de palestras, cursos e eventos voltados para os próprios atores sociais da Universidade (servidores, docentes e discentes). Acerca das transformações desse conceito, Aragão, Neto e Silva (2002) consideram que ao longo dos anos o entendimento do que seria “Extensão” passou por “prestação de serviços à sociedade pela Universidade”, “dar cursos variados”, “promover eventos” requerendo mais profundidade e clareza nos dias atuais. Assim, as exigências de esclarecimento acerca da finalidade da extensão dentro da instituição universitária foram sendo debatidas, com reflexões acerca do papel social da Universidade e seus diálogos com os setores sociais.

Se a definição de ensino integra as ações de aprendizado dentro da Universidade, para a própria comunidade universitária, seriam os eventos, palestras e cursos, não abertos e divulgados para a população, ações de ensino. O fato de não estar locado em uma sala de aula, mas em anfiteatros, não altera o sentido mais profundo, que não é físico, da ação. Estas são atividades de ensino, para além dos componentes obrigatórios e optativos, que são disponibilizados para os alunos.

Para Saviani (1981), a função de extensão deveria significar:

A articulação da Universidade com a sociedade de tal modo que aquilo que ela produz em termos de novos conhecimentos e aquilo que ela difunde através do ensino **não ficasse restrito apenas àqueles elementos que conseguem ser aprovados no vestibular** e que integram determinado curso objetivando se formar em determinada profissão. Ao contrário, cabe à Universidade socializar seus conhecimentos, difundindo-os à comunidade e

se convertendo, assim, numa força viva capaz de elevar o nível cultural geral da sociedade (p.45/Grifo da pesquisadora)

Com isso, o autor defende o argumento de que a Universidade deveria expandir as suas ações para além dos sujeitos ingressos nesta, via vestibular. Ou seja, ele tem como missão difundir seus conhecimentos à sociedade visando um desenvolvimento cultural mais significativo da mesma.

#### 4.1.2 O IHAC e a Extensão Universitária

Nesta categoria de análise, buscou-se compreender a perspectiva dos docentes sobre as relações entre a extensão e o IHAC. Observa-se que o docente P10 saliente a heterogeneidade das ações: “Eu vejo muitos tipos de formatos de extensão no IHAC, acho bastante variado. Tem colega que apresenta peça de teatro, que vai na escola, que dá curso (...) (P10)”.

No Projeto de Criação do IHAC (PIMENTEL, 2008) consta que dois de seus objetivos, são:

Articular diferentes campos de conhecimento, dentro e fora da UFBA, na perspectiva de ampliar e qualificar a pesquisa, acolhendo centros, programas e projetos que tenham clara inspiração mit-disciplinar. Desenvolver atividades de extensão, permanentes e eventuais, agregando centros, programas e projetos de extensão, considerando a complexidade das experiências e práticas culturais contemporâneas, sobretudo o valor do imaterial no contexto contemporâneo.

Com estas metas, o IHAC, em seu Projeto, concebe tanto a pesquisa, quanto a extensão, indispensáveis em seu fazer, enquanto instituto educativo e assim, constrói um lastro de valores que podem ter influência nos dados hoje averiguados, em que o IHAC demonstra alta produtividade extensionista.

Já o docente P2, além de perceber que existem muitas extensões sendo desenvolvidas, busca prestigiar as ações desenvolvidas por seus colegas:

**Eu acho a extensão do IHAC bastante rica**, vejo muitos professores aprovando os projetos (...) **Eu procuro participar da extensão dos outros porque eu acho que a gente tem que valorizar o que é feito aqui**. Quando tem relação com meus temas

de aula, vou para valorizar. Às vezes o professor traz palestrante aqui, então libero meus alunos para irem, explico o sentido de estar ali, porque tem a ver, ainda mais no instituto interdisciplinar a gente tem que ocupar esses espaços, as pontes. (P2/Grifo da pesquisadora)

O mesmo docente ainda salienta mais dois aspectos: o grande número de ações desenvolvidas, que para ele estão relacionadas com a dimensão do instituto; o caráter interdisciplinar como um fator para a diversidade encontrada de extensões.

Eu não sei se o IHAC é tão diferente dos outros, **acho que a diferença é em escala, ele é muito grande**, tem muitos alunos, quase 5 mil alunos. **Ele é interdisciplinar, as atividades são mais diferentes, variadas.** (...) Muito mais gente, relação professor/aluno é deficitária, poucos professores para tantos alunos. É um ambiente muito grande, então você tem muita coisa acontecendo, mas eu acho que todas as unidades fazem um pouco de extensão. (P2/Grifo da pesquisadora)

Este docente (P2) ainda pontua, criticamente, a relação desigual entre o número de docentes e o número de discentes e com isso, pode-se sugerir que há um comprometimento do trabalho docente diante deste quadro, já que, com o número excedente de estudantes, há uma sobrecarga de atividades que são depositadas no docente. A média de docentes no IHAC, por ano foi de 47,25 e o número de estudantes ativos e de docentes efetivos pode ser visualizado na tabela 4:

Tabela 5.

2009.1	2009.2	2010.1	2010.2	2011.1	2011.2	2012.1	2012.2
971	834	2.234	1.761	3.213	2.685	3.889	3.009

Observa-se na tabela acima que houve um significativo aumento no número de estudantes entre os anos 2010 e 2011. Este dado pode se relacionar com o gráfico 6, em que observa-se que entre esses anos, a produção extensionista cresceu de 40 para 65 ações. Estes dados apresentam um crescente número de ingressos no IHAC, mas como pode ser observado na tabela 1, a número de docentes contratados não cresceu de forma significativa: eram 33 docentes em 2009, 51 em 2010, 54 em 2011 e 51 em 2012. Com isto, o comprometimento da qualidade do trabalho do docente e sua relação com os alunos pode ficar prejudicado, já que, são mais estudantes na sala de aula, mais concorrência para as bolsas de iniciação à pesquisa

(PIBIC), iniciação à extensão (PIBIEX) e a todo processo que demande algum tipo de seleção dos estudantes.

Acerca dos objetivos desse instituto, é proferido que:

As atividades de pesquisa e extensão no IHAC Milton Santos estarão academicamente associadas ao ensino de graduação, preferencialmente através do Eixo Integrador da Formação Geral dos Bacharelados Interdisciplinares. Esse eixo é constituído por Atividades Complementares que têm como função a articulação das duas etapas de formação, incluindo as seguintes modalidades de atividade acadêmica: participação em projetos de pesquisa e extensão, estágio, programas especiais, cursos livres, disciplinas de graduação e de pósgraduação, Atividade Curricular em Comunidade, Atividade Curricular em Instituição, Estágios e quaisquer eventos de natureza acadêmica. Através das Atividades Complementares e, ao longo do percurso acadêmico, os alunos terão a oportunidade de ampliar sua responsabilidade social e capacidades relacionais. Nesse componente, de caráter optativo, os alunos deverão cumprir um mínimo de 100 horas de atividades de extensão ou pesquisa. Este Eixo poderá estruturar-se como um conjunto de atividades curriculares e extracurriculares de natureza bastante diversificada (PIMENTEL, 2008)

O IHAC destinou, em seu Projeto de Criação, o eixo integrador, constituído pelas Atividades Complementares, a todas as atividades que não se enquadram ao trabalho em sala de aula, tendo como objetivo a ampliação da responsabilidade social desses estudantes. Esse é um espaço, institucional, destinado a uma ampliação das experiências estudantis e da própria Universidade, propondo novas formas de se produzir e divulgar os conhecimentos. Porém, é imperativo destacar que apesar deste eixo ter como objetivo acolher as ações extensionistas e as ACCS, o aluno do IHAC busca certificar as 360 horas de atividades complementares exigidas pelo curso com diplomas variados que não têm necessariamente um caráter de formação social deste estudante.

O docente P3 critica a disposição física do IHAC, afirmando que não está adequada para a realização das suas atividades de extensão. Ele também comenta que não registra as atividades por conta de demasiada burocracia, referindo-se ao sistema de registro SIATEX, o que também foi discutido pelo docente P4:

E acho que ela se faz menos do que deveria, pelo menos no meu caso eu tento... **o tipo de extensão que eu gostaria de realizar que a nossa unidade não está adequada...** a minha pesquisa é toda voltada para roteiro, encenações e eu espero que a gente tenha em breve auditório em que eu possa desenvolver as atividades como eu imagino. E outra coisa que eu sinto também é uma burocracia imensa nessa



coisa do registro. **Eu particularmente faço, mas não registro.** (P3/Grifo da pesquisadora)

**Dá muito trabalho pra ainda para emitir um certificado.** (...) Por ter cargo de gestão eu acompanhei varias atividades de extensão de vários colegas e sempre me deu a impressão de que o IHAC é rico de abordagem para a sociedade na atividade de extensão, literalmente ele é campeão, ele está em um dos primeiros em números de atividades, em horas de atividades e todas essas diferenças você encontra no IHAC. Não é só em número, mas é também em tempo que se leva e é muito bacana por isso. (P4/Grifo da pesquisadora)

Percebe-se na fala dos docentes acima, uma resistência ao registro da extensão em seu sistema responsável, o SIATEX, por conta de demasiada burocracia. De acordo com o Manual do SIATEX (2012), o docente proponente da atividade tem a possibilidade de cadastrar, acompanhar, cancelar, emitir relatório e gerar certificado, seguindo o passo-a-passo dos procedimentos em seu site e esclarecidos neste manual ou através do contato com a PROEXT. Porém, sugere-se que, devido ao grande trabalho burocrático que o docente deve exercer em seu trabalho na Universidade, com preenchimentos de relatórios, planos de carreira, editais de financiamento, esta atividade acabe por ser um desestímulo ao professor. Mancebo (2006) contribui com esta temática ao afirmar que há no contexto das Universidades federais um profundo enxugamento do quadro de funcionários de apoio e isso acaba por produzir novas funções ao cotidiano do professor. Além de ser responsável pela sala de aula e pelo caminhar da sua pesquisa, acumula um progressivo número de tarefas, como a construção de relatórios e formulários, emissão de pareceres e captação de recursos para viabilizar seu trabalho.

Outro aspecto relevante trazido por um docente (P5) é a dificuldade que ele enfrentou para um entendimento dos outros docentes com relação à Ação Curricular em Comunidade e em Sociedade (ACCS) que estava desenvolvendo. Houve uma não compreensão, por parte de outro docente, das demandas da atividade, que se ampliavam para além do horário em sala de aula:

Há uma desarticulação entre a PROEXT e as unidades da UFBA de um modo geral, tanto que a gente vê **professores que não entendem a ACCS**, que não admitiram antecipar a prova, professores que dizem “Como, se essa disciplina é sexta-feira à tarde, como vocês vão estar viajando na quarta? Viaje só na sexta”, então há um descompasso, desarticulação. Como tem muitos institutos que não oferecem nenhuma ACCS, é um ponto desconhecido, e a gente termina que expõe os

estudantes a determinadas situações que não eram a nossa intenção. (P5/Grifo da pesquisadora)

O docente P1 pontua que um aspecto que é uma não harmonização do financiamento prestado pela PROEXT com as demandas na ACCS. Neste caso, a atividade necessitava da verba em uma parcela, mas a PROEXT a subdividiu em quatro parcelas, o que pode ter comprometido o andamento da atividade:

Tem questões do tipo assim, é o **financiamento que não chega a tempo**, agora criaram um mecanismo de financiamento que a gente recebe o dinheiro em quatro parcelas diferentes e que não tem nada a ver com a dinâmica da nossa ACCS porque a maior parte do recurso foi gasto agora, nessa viagem. A gente não tem recebido regularmente, agora foi feito dessa forma e não foi avisado, eu não me lembro de ter avisado que a gente ia receber em quatro parcelas, então esse tipo de coisa assim, eu acho que são questões. (P1/Grifo da pesquisadora)

De acordo com o site da PROEXT, existe o apoio à realização das ACCS por intermédio de editais públicos semestrais. A submissão de propostas a estes Editais é realizada, exclusivamente, por meio do Sistema de Gerenciamento de Editais Internos de Fomento à Extensão (SAPEX). Esse sistema tem como objetivo centralizar as chamadas dos Editais coordenados pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal da Bahia, apoiando, além da ACCS, cursos de extensão de férias acadêmicas, os eventos que ocorrem nas unidades acadêmicas da UFBA e os produtos de extensão.

Outra dificuldade encontrada pelo docente P3 está relacionada ao diálogo que o IHAC está tendo com os outros institutos/escolas da UFBA. Foi observada a não disponibilidade de um instituto em ceder professores para a realização do que seria uma atividade extensionista no IHAC:

Existe uma disciplina optativa chamada Física e Sociedade, ela podia ser apresentada no IHAC, já que tem uma visão interdisciplinar, mas poderia também, fomentar atividades de extensão, mas **o Instituto de Física negou ceder professores**, pela situação da unidade, esse tipo de empréstimo, ceder um professor de uma unidade para trabalhar no IHAC, esse tipo de movimento poderia ser mais forte mas não é, cada professor cuida da sua unidade e das disciplinas que foram negociadas para aquele determinado fim. Quem sabe, no futuro, elas fomentem atividades de ensino interdisciplinar? (P3/Grifo da pesquisadora)

De acordo com o Memorial da Universidade Nova (2010), a continuidade dos estudos na graduação dos egressos do Bacharelado Interdisciplinar (B.I), depende de uma

adequação dos currículos dos cursos de natureza profissional que os estudantes seguirão como um segundo ciclo da graduação, com duração de 1 a 3 anos. Esse Segundo Ciclo contempla a formação profissional específica, assim, é necessário que outros departamentos e institutos ofereçam disciplinas para os alunos do IHAC.

Outro aspecto relevante com relação ao caráter do IHAC é a importância dada à três funções: ensino, pesquisa e extensão. Desta forma, com a indissociabilidade, o docente P7, enxerga o IHAC como um instituto que vai além de um centro ministrador de cursos, mas um espaço em que o docente atua nas três vertentes do tripé e dialogam com as quatro grandes áreas do conhecimento:

**O projeto do B.I não vê apenas o IHAC como uma Universidade que ministre cursos, o projeto do BI vê o professor, o pesquisador do IHAC como uma pessoa que atua nas três áreas: pesquisa, ensino e extensão.** Não é à toa que são todos doutores e são quatro áreas do conhecimento, saúde, artes, humanidades e ciências, onde há realmente uma proximidade de pessoas, não de assuntos, eventualmente tem um professor ou uma outra professora, que trata de alguma coisa próxima. (P7/Grifo da pesquisadora)

Dialogando sobre o aspecto interdisciplinar do instituto, o docente P10 explana sobre um projeto de pesquisa que ele participou e que utilizava esta abordagem:

Houve mesmo uma oportunidade no ano passado de um grupo de professores de quatro áreas diferentes se juntar num projeto de avaliação dos egressos (...) Então essa soma de conhecimentos pode, por exemplo, fomentar projetos, que foi o caso que aconteceu ou imaginando a criação de atividades de extensão. **O projeto do BI, visa a interação entre esses professores, entre diferentes alunos,** é uma possibilidade que eu acredito que vá se fomentar no futuro, certamente o IHAC é um dos lugares que mais faz extensão dentro da Universidade e não é à toa. **Está dentro do projeto o modo interdisciplinar de ver as coisas (...).** (P10/Grifo da pesquisadora)

Com relação às perspectivas dos docentes acerca de um futuro da extensão na Universidade, esta foi vista como uma ação que tende a se expandir, a partir da observação do que vêm sendo desenvolvido no IHAC, segundo o docente P6. Já o docente P4 enxerga o caráter interdisciplinar do instituto como um fator importante na promoção da extensão:

Essas atividades estão cada vez mais tomando importância, relevância em número, em tempo, em duração dessas atividades e cada vez mais levando em consideração colegas de fora do IHAC. Então é um local de fomento dessas atividades, que acredito que tem um futuro muito promissor, eu acho que **é um tipo de atividade**

**que deve crescer naturalmente e a matriz geradora pode ser IHAC.** (P6/Grifo da pesquisadora)

Porque o IHAC promove tanta extensão? A resposta que eu vejo é porque ele é interdisciplinar mesmo, a gente pode criar outra atividade que não está no currículo tradicional. (P4)

Em seu Projeto de Criação (PIMENTEL, 2008), é postulado que o IHAC buscará promover a unidade do conhecimento através de práticas de ensino e pesquisa multidisciplinares (multi, inter, trans), a partir dos campos disciplinares e estará pautado na indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão.

#### **4.1.3A Extensão e o Trabalho Docente**

A profissão do docente vem sendo estudada em seus amplos aspectos: funções, formação, precarização do trabalho, dentre outras. Ao se abordar as relações existentes entre o trabalho docente e a extensão universitária, é fundamental ressaltar o diálogo com estes outros aspectos da função docência, partindo-se do pressuposto que ensino-pesquisa-extensão estão intimamente ligados.

Se aproximando do aspecto da precarização do trabalho docente, o sujeito P8 esclarece que há uma sobrecarga de trabalho, em seu caso a maior demanda é a pesquisa e da docência em sala de aula e por conta disso, acaba não priorizando o desenvolvimento de ações extensionistas. Neste sentido, o sujeito P6, também traz contribuições ao declarar que trabalha *“muito mais do que deveria trabalhar”*:

A gente não tem muito atuado assim porque não tem tempo. **Meu trabalho passa as quarenta horas semanais sem contar muito a extensão.** A gente realmente não tem priorizado a extensão. Por lei a gente tem que trabalhar 40 horas por semana, mas a gente acaba trabalhando muito mais. A pesquisa exige que você produza artigos, publicar seus resultados para a sociedade, então é um tempo que você tem que gasta nisso enorme. Além disso, temos que estar em sala de aula (P8/Grifo da pesquisadora)

**Eu trabalho muito mais do que tinha que trabalhar.** O prédio não está nas melhores condições, falta material. (...) E quem consegue dar aula pra sessenta pessoas em uma sala? Eu gosto da Universidade, do ambiente, do trabalho, mas essas coisas pesam. (P6)

Soares e Cunha (2010) pontuam que a docência universitária, apesar de ter pouca visibilidade, haja vista que os critérios de avaliação e progressão na carreira docente são essencialmente relacionados à pesquisa, é uma atividade altamente complexa, que não se restringe à sala de aula. Desta forma, entende-se que tanto a docência, quanto a pesquisa e a extensão necessitam de grande dedicação do docente, mas, é importante salientar, corroborando com os autores, a produção de pesquisa é a mais pontuada pelos sistemas de avaliação do ensino superior (CAPES/CNPQ)

Sobre a disposição do docente no tripé, o sujeito P7 defende a idéia de que um fator determinante seria a *vocação do docente*, ou seja, ele vai se dedicar mais intensamente em uma ou outra função, a depender do que ele mais se identifica. Assim, o fazer da extensão está atrelado a esta aptidão ou inclinação:

Tem professor que tem uma vocação que acaba se envolvendo mais nas questões administrativas, com a carreira mais burocrática que acaba gostando, outros querem ensino, pesquisa e extensão e não para cargo administrativo. **Tem um leque de opções que eu acho que tem a ver com o perfil de cada um.** (P7/Grifo da pesquisadora)

Narciso, Silva e Gomes (2013) sobre a questão do dilema vocação ou profissão relacionada à identidade do docente universitário, afirmam que ambas são fidedignas à esta discussão, já que para ser docente se exige uma boa dose de envolvimento, dedicação e preocupação com os alunos, sendo adequado assegurar que ela possui um forte componente vocacional. Mas não há hesitação nem antagonismo em percebê-la como um trabalho, pois é um serviço público que ampara o conjunto da sociedade e que, portanto, devendo ser guiado por algumas normas e valores que garantam seu correto funcionamento.

Já o docente P4, encara a realização da função da extensão como uma escolha pessoal do docente e o seu interesse. Além disso, salienta a necessidade de se desenvolver a extensão por conta da necessidade de preenchimento de carga horária extra e de um relatório:

Sempre fica no encargo de um ou outro professor ou professora que se interesse em fazer extensão, que queira ministrar aulas além do tradicional, o que é necessário para contar nos relatórios e preencher a carga horária mínima do professor. (P4)

Ao se abordar o papel social do docente, sendo este, um ator social, pode-se afirmar que as suas práticas são intervenções sociais. Nesse sentido, o docente que desenvolve a extensão universitária, estaria mais próximo dessa ação, ao se aproximar de campo social, como afirmam Pimenta e Anastasiou (2010):

A profissão docente é uma prática educativa, ou seja: como tantas outras, é uma forma de intervir na realidade social; no caso, mediante a educação. Portanto, ela é uma prática social. A formação do professor universitário, no que se refere aos conhecimentos científicos de seu campo e do campo da Educação, da Pedagogia e da Didática, requer investimentos acadêmicos. Nela se exigirá um ensino que permita ao docente os nexos com o campo e o contexto de produção dos conhecimentos na história e na sociedade (p.155)

Para além da reflexão do quanto o destino dado às suas atividades na Universidade perpassa o desejo do docente, pode-se inferir que ocupar este papel significa ser ator de influência nos campos sociais. Assim, segundo Melo Neto et al (2002), o “intelectual” foi figura de proa no discurso da extensão. A ele foram imputadas ações de grande peso social. O chamamento da Universidade para sua expansão por novos campos da vida social, de saberes parceiros, trouxe a importância da ciência social emancipatória. Do intelectual era esperada a atuação participante/transformadora dos/nos problemas sociais.

Nessa perspectiva, o docente P1 se depara com dificuldades ou empecilhos para se realizar a extensão, como a necessidade de verba e o reconhecimento das instâncias reguladoras, que têm um maior reconhecimento das publicações do que das ações de extensão:

A extensão infelizmente não é valorizada assim... aí a gente acaba tendo que fazer mais, **sendo mais cobrado nas publicações, né? Aí vem a CAPES, o MEC e cobra essas coisas.** É complicado... a extensão exige, muitas vezes verba... dá trabalho. (P1/Grifo da pesquisadora)

Acerca da relevância da extensão no trabalho do docente, P2 e P10 salientam o desejo e a satisfação pessoal em trabalhar com atividades de extensão:

A extensão é onde eu vejo o sentido maior de tudo o que eu pesquiso com meus alunos. É uma satisfação muito grande, volto pra pesquisa com outros olhares, muito rico. (P2)

E **professor é essa atividade incrível** que foi inventada por alguma pessoa muito genial alguns anos atrás, ou milhares de anos atrás, que envolve essa idéia de extensão. **O estímulo de fazer extensão é mais pessoal.** (P10/Grifo da pesquisadora)

Nessa perspectiva, Gramsci (1995) contribui afirmando que é um equívoco o intelectual crer que ele pode saber sem compreender e mais do que isso, sem sentir e sem se apaixonar. Assim, pode-se observar uma ligação existente entre o trabalho docente e suas ambições, objetivos e desejos.

#### **4.1.4 Relação ensino-pesquisa-extensão**

A garantia da indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão, constante no artigo 207 da Constituição brasileira, entrelaça essas três funções como sendo o tripé de ação da Universidade. Segundo Pimentel (2008), a graduação e a pós-graduação como componentes fundamentais da educação superior, de um lado transmitem, através do ensino, a necessária herança cultural da humanidade. Por outro lado, enriquecem-se mutuamente com o novo produzido pela pesquisa que, por sua vez, eleva o ensino pela contínua atualização de conhecimentos, promovendo a sua aplicação e circulação. Observa-se que o respaldo na indissociabilidade, garantida na Constituição e no Projeto de Criação do IHAC, prevê uma mútua dependência dessas ações, sem hierarquizá-las, em que uma fomenta a outra, num movimento de retroalimentação e construção do saber de forma fluida.

Diante dessa premissa universitária, observa-se que o professor P1 percebe uma relação entre o seu trabalho nas três instancias, porém não considera uma relação espelhada, ou seja, de completa relação:

O que eu faço na extensão, não necessariamente são sujeitos dos nossos estudos, mas elas podem vir a ser. Eu tenho publicado no tema da extensão, muito mais como relato de experiência, porque eu tenho uma pesquisa com um tema relacionado, mas com uma população própria. **O que eu trabalho no ensino, na pesquisa e na extensão, dialoga, mas não é um espelho.** (P1/Grifo da pesquisadora)

O docente P2, em seu discurso, concebe a extensão a partir do ensino de que desenvolve com o aluno e do conhecimento que leva para a sociedade. Nesta definição a extensão seria o que o aluno leva para a sociedade a partir do que aprende no ensino:

Eu vejo a extensão e o ensino ligado indiretamente, quando estou ajudando na formação de alunos, esse aluno vai levar de algum modo para a sociedade o que ele aprendeu então indiretamente sim. Agora diretamente, não vejo muita...a não ser que você faça cursos, debates, enfim, fora da sala de aula. (P2)

Observa-se nesta fala uma fusão do que seria ensino e do que seria extensão, já que o docente entende que faz extensão quando os estudantes levam os conhecimentos adquiridos pelo ensino para a sociedade. Porém, de acordo com as definições de extensão utilizadas nesta pesquisa e com os argumentos defendidos pelos autores que defendem a diluição da extensão nas funções do ensino e da pesquisa, esta não é uma concepção coerente. Demo (1993) postula que:

A trilogia repetida “ensino/pesquisa/extensão” precisa ser revista, não só porque nossa experiência é pouco convincente, mas sobretudo porque os termos apresentam expectativas heterogêneas. Um conceito adequado de pesquisa é capaz de absorver, com vantagens, os outros dois, e redirecionar a Universidade para o comando da modernidade (p.127)

Neste sentido, este autor defende a tese de que a pesquisa, se realizada adequadamente, as funções de ensino e extensão, não seriam necessárias, pois as suas funções seriam abarcadas o ato de pesquisar. O que o docente P2 traz em seu discurso é a percepção de que, ao formar os alunos, ele faz extensão, não incluindo os outros preceitos necessários para uma ação ser caracterizada como extensionista, como definem Aragão, Neto e Silva (2002):

A difusão do conhecimento demanda alguma carga de generosidade por parte dos que o detêm, expressando-se em ações desenvolvidas tanto nos espaços físicos internos quanto nos externos à Universidade. A difusão “intra-muros” caracteriza o Ensino, enquanto a Extensão representa a etapa em que o conhecimento é colocado à disposição dos grupos que não pertencem aos quadros funcionais – docentes ou técnico-administrativos – nem aos quadros discentes da Universidade (P. 43)

O docente P4 afirma que faz extensão quando divulga o conhecimento produzido pela pesquisa em congressos. Nesta fala, observam-se dois aspectos: a submissão da extensão à pesquisa, ou seja, a extensão se faz na medida em que divulga a pesquisa; a extensão percebida em seu formato ultrapassado de definições, os congressos científicos:



A extensão que eu faço está ligada a pesquisa como uma forma de divulgar, de abrir para a sociedade a discussão do que estamos fazendo, de socializar de compartilhar de trocar experiências, receber críticas. A pesquisa depende da crítica da sociedade, mas isso é feito não só aqui, quando vamos aos congressos, pros lugares também de certa forma estamos cedendo conhecimento para a sociedade, um conhecimento acadêmico de pesquisa, de investigação, problematização. (P4)

Para Aragão, Neto e Silva (2002), na prática da Universidade muitas vezes a indissociabilidade não se opera e os docentes trabalham como que em “áreas” isoladas da mesma Universidade, cada qual procurando valorizar a importância da função dentro da qual trabalha, mas terminando por desarticular as três atividades fundamentais. Neste sentido, trabalhando de forma fragmentada, pode-se atribuir maior valor à determinada função: o ensino, a pesquisa ou a extensão. Pode-se sugerir que, ao conceber a prática da pesquisa e sua divulgação como uma forma de fazer extensão, o docente não tem proximidade com os fazeres extensionistas já citados na primeira etapa desta pesquisa, que podem ocorrer através de ACCS, pesquisas em campo e interação com os setores sociais.

Sobre o aspecto de como o docente realiza em sua prática o tripé, o professor P5 defende que existe uma influência do desejo ou identificação do docente com uma das três instâncias:

A Universidade fala de produção de conhecimento, de autonomia universitária e envolve um tripé: extensão pesquisa e ensino. Ensino todo mundo é obrigado, não tem como não estar ensinando, você tem que estar na graduação. Agora tem professor que tem mais o perfil de extensão, de fazer mais extensão, tem mais essa habilidade, gosto, interesse, enfim do que a pesquisa. E têm outros que tem mais vocação para a pesquisa do que para a extensão, então há essa priorização. **Então alguma coisa fica em primeiro lugar, porque fazer as três super bem... nem é desejável isso, são perfis de trabalho diferentes.** (P5/Grifo da pesquisadora)

Acerca de como esse diálogo entre o ensino, a pesquisa e a extensão se dá, Frantz e Silva (2002) esclarecem que o ensino e a pesquisa devam apresentar capacidades de serem estendidas a um público que se encontra além de seus muros. É este “lado comunicativo” do saber presente no ensino e na pesquisa que se pode, idealmente, chamar de extensão universitária. O docente P3 concebe as três funções como indissociáveis e, além disso, pontua que as demandas de cada semestre letivo têm influência no fazer do docente em cada função. Ou seja, existe uma heterogeneidade na dedicação à cada função, a depender de como se configura as demandas de trabalho no período letivo:

**Eu acredito que é indissociável** porque é isso que garante a força da nossa continuidade e a evolução se da nessa articulação. Se você separa, alguma coisa esta morrendo, vai sangrar se esta articulação não for feita. Por mais que em determinado momento você esteja em exercício maior de uma coisa do que outra, uma carga maior da docência, por exemplo (...). As decisões são do processo formativo do próprio docente, então você **considerar que as três coisas a cada semestre terá o mesmo equilíbrio, você acaba tirando o caráter que precisa ser orgânico, porque é daquilo que eu estou respirando no momento.** (P3/Grifo da pesquisadora)

Os docentes P4 e P7 problematizam uma questão de cunho fundamental nas discussões sobre extensão: a precariedade no reconhecimento das agencias reguladoras e de fomento do ensino superior à extensão:

Mas eu repito, na área de exatas, isso não é comum, até porque o professor de exatas, ele não é treinado pra isso, literalmente ele não tem oportunidades, outras no currículo dele, de ter esse contato, essa proximidade com essas idéias, ele busca realmente especialização em áreas do conhecimento e não necessariamente voltados também para atividades outras que não é treinado, **são formados, basicamente, para fazer pesquisa, obviamente que ensino todo professor precisa fazer, agora extensão ele não tem oportunidades.** (P4/Grifo da pesquisadora)

Cada vez mais o governo e os órgãos de fomento estão vendo a atividade de pesquisa como algo que envolve a idéia em si e um fomento a ela, um dinheiro, um suporte pra que aquela pesquisa se desenvolva, através de bolsas, através de equipamento. Então o governo no CNPq e CAPES, eles admitem que existem o que eles chamam de *pesquisadores* e eles ganham um fomento adicional uma bolsa de atividade de pesquisa, **mas não há uma bolsa de atividade de extensão, não existe, embora esteja na nossa lei, qualquer lei de Universidade, ensino, pesquisa, extensão, mas deveria ser reconhecido como uma atividade em um nível similar a entrar na sala de aula e apresentar idéias ou estar dentro de um laboratório ou em um campo de pesquisa coletando dados, amostras, materiais, mas não é.** (P7/Grifo da pesquisadora)

Abordando a questão da precarização do trabalho docente e suas implicações nas publicações científicas oriundas de processos de pesquisa, Machado e Bianchetti (2011) ao tratar a pesquisa sob um olhar crítico deste produtivismo sustentam que os pesquisadores integram a força-tarefa da máquina científica e produzem, alienados do exercício da crítica e excluídos das decisões que controlam a ciência, a Universidade, dessa forma, o produtivismo acadêmico, sob a forma de *paper*, foi construído o fetiche-mercadoria-conhecimento. Este processo se dá por conta de uma pressão externa à Universidade, por uma instancia regulamentadora da práxis docente (a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES) que, segundo Sguissardi e Júnior (2009), submete o professor-pesquisador da pós-graduação a uma série de exigências que repercutem nas avaliações dos respectivos programas, são algumas: produzir e publicar determinada média anual de “produtos”

científicos em periódicos, classificados pela agência, ou em editoras de renome. Este formato de publicação, que enquadra o formato de fazer pesquisa, origina, segundo os autores, uma escala hierárquica de importância atribuída às diferentes atividades-fim da Universidade, no topo se encontra a pesquisa, no meio o ensino e na base a extensão. Os autores anunciam que “a aula não rende avanços no Currículo Lattes” e a extensão se desvalorizou nas Instituições Federais do Ensino Superior (IFES) por conta da redução dos financiamentos desta.

Avançando nestas discussões e ampliando para o contexto da Universidade como um todo, Chauí (1999) postula que:

o aumento insano de horas-aula, a diminuição do tempo para mestrados e doutorados, a avaliação pela quantidade das publicações, colóquios e congressos, a multiplicação de comissões e relatórios etc, virada para seu próprio umbigo, mas sem saber onde este se encontra, a Universidade operacional opera e por isso mesmo não age (p. 03)

Ressaltando a importância da extensão, Frantz e Silva (2002), discorrem que a extensão, no Brasil, foi percebida como um modo de comunicar as realizações do ensino e da pesquisa à população e, quando possível, ajudar esta a enfrentar suas carências; como forma de dar respostas a todas as demandas que viessem de fora da Universidade, como aponta P9:

Mas é o que a sociedade vê, ela não vê, a grosso modo, o que um pesquisador faz e uma sociedade não vê os professores ministrando aulas, quem vê são os alunos e eles tem uma observação muito especial sobre o que é ser ou não um professor. Eu vejo assim, **alguns colegas conseguem associar a extensão à pesquisa, se existe um canal para fomentar a pesquisa**, mesmo que você diga que no final das contas a finalidade é a extensão. **Há colegas que conseguem bolsa de estudantes pra fazer extensão, com o caráter de pesquisa**, não deveria ser, tá certo? Nesse sentido que eu comento que **devia ser uma situação de tornar igualitário as propostas, se fomenta a pesquisa, mas não fomenta ainda, a extensão no mesmo nível.** (P9/Grifo da pesquisadora)

As discussões acerca da articulação ensino-pesquisa-extensão e sobre as definições de cada uma dessas funções, são imprescindíveis ao se pensar o campo da extensão universitária. Estando locada na Universidade, a Extensão dialoga com o ensino e a com a pesquisa e para esta reflexão, Melo Neto (2002) contribui afirmando que falar sobre a importância do ensino, da pesquisa e da extensão no cotidiano da Universidade, parece ser um lugar-comum, contudo, considerando a realidade da maioria das Universidades, esse não parece ser um percurso tranquilo. Seja por conta da falta de pessoal qualificado para atuar de

forma significativa nessas três dimensões ou pelo excesso de carga horária, que recai sobre as atividades de ensino, esta é uma empreitada que acaba sendo assumida por poucos.

#### **4.1.5 A Extensão nas Diferentes Áreas do Conhecimento**

Ao longo do processo de construções dos dados com as entrevistas, a pesquisadora verificou aspectos diferentes nos discursos dos docentes atuantes nos variados BI. Diante disso, elegeu-se esta categoria de análise para uma maior compreensão acerca das particularidades vivenciadas pelos docentes dos diferentes BI ao desenvolver ou não, uma ação extensionista.

Cada BI está organizado da seguinte forma:

Cinco Eixos Curriculares: Eixo das Linguagens, Eixo Interdisciplinar, Eixo da Orientação Profissional, Eixo de Formação Específica, e Eixo Integrador. Todos os Eixos são cursados em paralelo, e são distribuídos em uma duração mínima de 6 semestres. A estrutura curricular dos BI divide os cursos em duas etapas: Etapa da Formação Geral – correspondente aos três primeiros semestres do curso, e Etapa da Formação Específica – correspondente aos três últimos semestres. (UFBA, 2009) p04

O documento Projeto pedagógico do Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia (2009), aponta competências gerais e específicas que o bacharel deve ter, entre elas pode-se citar: Capacidade de abstração, interpretação, análise, síntese, investigação e criação, combinando distintos campos do conhecimento, em particular das ciências e das tecnologias; Capacidade de crítica e autocrítica; Compreender a complexidade do campo das Ciências e das Tecnologias; Capacidade reflexiva densa sobre uma área de estudo ou profissão no campo da CT; Valorização e respeito pela diversidade de saberes e práticas ligadas à CT. Observa-se que, mesmo sendo um estudante da área específica de C e T, ele possui uma formação com eixos integradores e generalistas, possibilitando assim, uma formação humanística e integral. De acordo com o docente P8, locado no BI C e T, não existe uma não tradição da extensão nesta área, além disso, relata uma dificuldade de explanação dos conteúdos para uma platéia leiga:

**Os cursos de Ciência e Tecnologia não têm muita extensão, não é uma atividade que o pesquisador da área de exatas encara assim, infelizmente, como uma**

**atividade no mesmo nível que a própria pesquisa ou o ensino.** (...) Mas realmente não é fácil, a partir do momento que você pretende trazer conhecimentos de exatas, de ciência pra os alunos, invariavelmente você precisa em algum momento enfrentar a questão das regras por detrás da física, da química e também pela matemática, tornar isso possível, compreensível a uma platéia, é algo que eu percebi que é muito difícil. (P8/Grifo da pesquisadora)

Observa-se que o formato de extensão considerado pelo docente é o de curso/palestra, não abarcando ações de cunho dialógico, no sentido Freiriano do termo, em que a extensão seria uma comunicação e não simplesmente uma deposição de conteúdos para um grupo. Freire (2009) esclarece que o sujeito, em sua experiência formadora, se assumindo como produtor do saber, deveria compreender que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para que ele seja produzido e construído. Outro docente de Ciência e Tecnologia entrevistado corrobora com a posição do colega ao explicar sobre a dificuldade encontrada em tornar os saberes deste campo, compreensíveis para a população externa a ela:

(...)É que é, o engenheiro, o cientista, ele tá muito preparado com determinado formato, padrão de conhecimento, de modo de tratar e uma linguagem técnica, essa linguagem técnica pode ter níveis de diferentes, pode ter públicos diferentes, mas realmente **é uma tarefa muito árdua você tornar isso compreensível para uma platéia, digamos assim, leiga** e muitas das vezes, não só leiga, temerosa de que numa extensão, numa atividade de extensão na área de exatas, o professor ou pesquisador, venha a falar de números, de fórmulas, de teorias, de lógicas, que ele não está acostumado. (P4/Grifo da pesquisadora)

Para este docente, os alunos de CeT tendem a relacionar a extensão à palestras e cursos voltados para os próprios estudantes, associando a extensão às suas concepções primárias:

O aluno de exatas pensa de uma atividade de extensão é eventualmente uma palestra com grandes temas, um curso de introdução à qualquer área do conhecimento, com um visitante, um pesquisador, que em geral acontece algumas vezes no ano. (P1)

A respeito das primeiras conceituações de extensão universitária, em que o educador deposita no educando os conhecimentos e saberes acadêmicos, Freire (2009) tendo como objeto de estudo a relação camponês-agrônomo, salienta que:

Se não for capaz de crer nos camponeses, de comungar com eles, será no seu trabalho, no melhor dos casos, um técnico frio. Provavelmente um tecnicista;

ou mesmo um bom reformista. Nunca, porém, um educador dá e para as trans-formações radicais (p. 65)

Assim, com esta compreensão, o docente extensionista que em sua ação, não utiliza de metodologias dialógicas, ele estará sendo um mero técnico que não efetivará transformações profundas em seu campo de ação. A respeito das formas de se fazer extensão, Santos (1986), inspirado na obra de Paulo Freire, *Extensão ou Comunicação*, explana sobre os dois paradigmas de educação Freirianos: a Educação Bancária e com ela, a Extensão Transferidora/Invasora/Normativa/Alienada e pretensiosamente neutra e apolítica, atreladas à uma Educação Domesticadora. A segunda é a Educação Problematizadora/Libertadora e a Extensão como Comunicação. O primeiro paradigma pretende domesticar o homem, tendo a função social de o educador depositar no educando os conhecimentos, idéias, valores, normas ou regras que não sabe, sendo comprometido com as classes opressoras. O segundo pretende atuar para a libertação do homem e pretende ser a expressão educacional da ideologia do oprimido, sendo um ato de comunicação entre dois ou mais indivíduos pensante em torno de um objeto a ser pensado.

No que se refere ao campo das Artes, fica claro para o docente P3, que os espaços físicos da sala de aula não são suficientes para a realização da extensão na Universidade:

**Para mim, cadeira e computador não são suficientes**, então como eu falei, eu acabo criando uma estratégia de levar os alunos para fora da instituição para que eles vejam o que esta sendo produzido fora. No meu caso espaço físico é fundamental porque minha pesquisa é teórico-prática sempre. É difícil conseguir fazer uma pesquisa cujos espaços são limitadores para o meu fazer. (P3/Grifo da pesquisadora)

A fala da docente remete à primeira etapa desta pesquisa, de cunho quantitativo, que apresentou que das 153 atividades registradas no IHAC, 34 ocorreram fora dos campi da UFBA e 9 ocorreram dentro e fora dos campi. Este dado apresenta uma abertura das ações do IHAC para a sua realização fora da UFBA, apesar de a maioria (109) ter ocorrido dentro da instituição. A saída da comunidade acadêmica da Universidade para outros espaços de ação nos variados setores sociais é uma característica relevante ao definirmos o que é a extensão universitária, mas este fator não determina se a ação é uma extensão, pois, é o seu fazer que determinará. Ou seja, pode-se ir a campo e desenvolver uma atividade de cunho não dialógico, através do modelo da Extensão Transferidora, como explanado por Paulo Freire.

Existe um conjunto de fatores que constroem uma ação extensionista, como o seu público alvo, o local de realização e a metodologia utilizada e é esse arcabouço que a definirá.

O docente P10 amplia a discussão ao discorrer que a extensão está, em certo ponto, condicionada à sua área de conhecimento, ou seja, existem campos do saber mais propícios ao fazer extensionista e outros menos:

**Algumas áreas têm uma vocação mais prática, outras mais teóricas.** Filosofia não vai fazer tanta extensão, porque a natureza da área é mais teórica, agora sei lá, gastronomia talvez faça mais extensão porque é um curso mais prático, então tem essa questão do perfil da área. Mas serviço social é uma coisa que interage o tempo todo com a prática, medicina, odontologia, por exemplo, tem um componente prático muito direto. (P10/Grifo da pesquisadora)

Diante do exposto pelos docentes, pode-se constatar que existem modos de se fazer extensão universitária, pois cada área do conhecimento tem suas tradições que são oriundas das arquiteturas curriculares, ou seja, da formação dos profissionais. Essas particularidades têm o papel de facilitar a execução da ação ou de demandar novos instrumentos para realizá-la e as falas dos docentes ilustram a necessidade de, além de pensar a extensão como um todo, aprofundar as pesquisas para as formas de se fazer extensão em cada área do conhecimento.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo se iniciou com uma revisão histórica acerca da extensão universitária, em suas origens europeias, perpassando as Universidades norte-americanas, até sua chegada na América Latina e no Brasil. Esta compreensão se faz necessária, pois é a partir da sua história na instituição universitária, que pode-se compreender o atual momento da extensão, com a sua conceituação e institucionalização. Neste percurso, nota-se que a recente história da extensão na Universidade brasileira, datada do início do século XX, evidencia a necessidade de pesquisas acerca desta temática para uma maior elucidação e compreensão do papel da extensão na Universidade.

Na primeira etapa desta pesquisa almejou-se mapear e analisar a produção extensionista do IHAC no recorte temporal de 2009.1 a 2012.1 e, assim, construir um quadro que representasse o que os docentes vêm produzindo em termos de extensão neste recente instituto. Os dados apresentaram uma significativa produção do IHAC, se comparado aos outros institutos da UFBA, além disto, notou-se que houve um crescimento na produção entre os anos 2009 e 2011 e uma queda em 2012; a maioria das ações foi destinada ao público interno da UFBA e externo; a sua grande maioria ocorreu dentro do IHAC ou em outros institutos da UFBA; a imensa maioria não registrou apoio financeiro externo à UFBA e por fim, a maioria das ações foi ofertada com até 20 horas de duração.

Se aproximando da produção da UFBA, como um todo, o IHAC obteve maior números de ações caracterizadas em eventos e cursos, o que sugere que o instituto realiza ações de extensão com o caráter mais eventual, além disto, não obteve nenhum produto acadêmico, o que é uma falta importante, pois é também através desta ação que a extensão se institucionaliza na Universidade enquanto ciência.

Com este mapeamento, pode-se inferir que o IHAC apresenta um potencial para o desenvolvimento da extensão, com significativo registro das suas atividades no SIATEX e, concomitantemente, evidencia um perfil de atividades mais voltadas para o próprio público da UFBA e que ocorrem dentro da UFBA. No entanto, ressalta-se que esses resultados não se aproximam das atuais definições de extensão universitárias expostos nesta pesquisa, em que, ela deve ter como uma de suas características principais o diálogo com o setores sociais externos à sua própria comunidade acadêmica.



O significado ou o conceito de extensão, da qual esta pesquisa se propôs a trabalhar, é aquela que não simplesmente promove o diálogo Universidade-sociedade, mas que fundamentalmente suscita o papel de uma instituição universitária socialmente referenciada, que almeje através da pesquisa e do ensino, articulados pela extensão, a elucidação atual ou posterior dos problemas sociais.

A segunda etapa abordou uma análise qualitativa dos discursos dos docentes deste instituto acerca da extensão universitária. Nele, pode-se perceber uma heterogeneidade na conceituação do que seria a extensão; as particularidades do IHAC, apresentadas em seu Projeto de Criação e em sua característica da abordagem interdisciplinar; o aspecto da vocação do docente, a precarização do seu trabalho e suas relações com o ensino e a pesquisa, além de expormos as diferenças entre a percepção da extensão para os diferentes BI.

Os resultados dessa pesquisa demonstraram que a extensão no IHAC está construindo sua identidade, pautada em seu Projeto Político Pedagógico e nos documentos anteriormente referenciados, assim o problema desta pesquisa e sua discussão teórica apresentaram que diante do breve período de existência do IHAC, a extensão que é produzida por seus proponentes se destaca se comprada aos outros institutos desta Universidade. Conclui-se que a extensão universitária é um campo do conhecimento que deve ser tratado a partir de um olhar não estático, pois as discussões mais sistemáticas e institucionalizadas acerca desta são relativamente recentes se comparadas à história da Universidade. Além desta conjuntura, pode-se afirmar que ter referências conceituais e definições é imprescindível neste processo, porém, almejar uma formulação paralisada e estagnada, não avigora com paradigma de ciência adotado nesta pesquisa, que a vislumbra como algo que se transfigura à medida que a história é construída.

O debate sobre extensão universitária traz a tona uma disputa de diferentes projetos de sociedade, que por sua vez produzem diferentes formas de perceber e planejar a Universidade. Se esta instituição escolhe não intervir de maneira radical na realidade social que a rodeia, sendo omissa frente a violação de direitos de determinados setores da sociedade, seria ela uma instituição social ou uma instituição aliada à interesses de determinado setor social interessada em formação profissional? A luta pelo resgate, pelo aprofundamento dos princípios da extensão, no sentido de uma ação transformadora e crítica do tecido social, é fundamental para não somente uma maior sistematização conceitual da extensão, mas para o seu amadurecimento, enquanto função de diálogo entre a Universidade e a sociedade.

Pesquisadores como Pedro Demo e Silvio Botomé defendem a tese de uma Universidade sem extensão, mas com uma função comunicadora com a sociedade, através do ensino e a da pesquisa. Porém, neste estudo, diante das revisões de literatura realizadas e dos dados analisados, considera-se a pertinência da existência da extensão enquanto mais um setor na Universidade. Esta posição é sustentada pela constatação social de que para se afirmar algo, por um tempo necessário, é fundamental o seu descolamento e destaque, para que assim, ela seja integrada ao todo do qual deveria estar inserida. Ou seja, a existência de pró-reitorias de extensão, bolsas de pesquisa de extensão, o seu reconhecimento frente aos sistemas de avaliação do ensino superior e a sua autonomia enquanto função, são imprescindíveis para que ela venha a ser pesquisada e compreendida, paulatinamente pela Universidade e pela sociedade. Este entendimento requer tempo e afirmação categórica da sua existência, já que, historicamente o ensino e a pesquisa, dentro da Universidade, não desempenharam a função social que hoje, a extensão propõe a desempenhar.

Assim, a produção não endógena do saber científico oriundo da Universidade, que visa a sua aplicabilidade e é alicerçado no diálogo com os setores sociais e em suas demandas, é o campo em que a extensão é gestada e se desdobra em suas ações nas quatro grandes áreas do saber: humanidades, artes, saúde e tecnologia. Essas demandas sociais acima referidas, não são neutras, mas defendem interesses de determinados setores e sendo a Universidade, uma instituição pública, vinculada ao Estado brasileiro, deve ter em sua vocação a ação de promover, pela educação, uma sociedade em que os direitos constitucionais e humanos, garantidos na Constituição de 1988 e nas atuais políticas públicas, sejam garantidos.

A pesquisa e teorização acerca da extensão universitária se faz pertinente desde os embates acerca da sua conceituação até a sua efetividade como um instrumento de realização das funções universitárias. E é por conta desta dedicação sobre este campo gnosiológico que a Universidade vem se transformando, se questionando e se adequando às novas questões que se imperam a ela. Diante disto, a realização de um estudo de caso acerca da produção extensionista de um instituto é instrumento de avanço acerca das questões do ensino superior. No entanto, atenta-se para o fato de que além do presente mapeamento realizado e dos estudos relacionados à extensão em sua globalidade, a atenção direcionada os aspectos específicos de cada campo do saber (humanidades, artes, saúde e ciência e tecnologia) devem ser abordados e a partir de sua sistematização institucional ganhar mais musculatura, podendo fomentar de

forma mais adequada os editais e verbas destinadas as ações extenionistas, tendo em vista os pontos em comum e o as heterogeneidades nos variados fazeres da extensão.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, N. **Universidade Nova: textos críticos e esperançosos**. Salvador, EDUFBA, 2007.

ARAGÃO, R. M. R; NETO, E. S.; SILVA; P. B. **Tratando da indissociabilidade ensino, pesquisa, extensão**. Ed. Metodista, 2002

BIONDI, D; ALVEZ, G. C. **A extensão universitária na formação de estudantes do curso de engenharia florestal – UFPR**. Revista eletrônica do mestrado em educação ambiental. V. 26, janeiro a junho 2011.

BOTOMÉ, S. **Pesquisa alienada e ensino alienante – O equívoco da extensão universitária**. Petrópolis: Vozes, 1996

BRASIL. Ministério da educação. **Anteprojeto de lei da reforma da educação superior**. Brasília: MEC, 2006.

BRASIL. **Plano Nacional de Extensão 1999-2001**. Disponível em: [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br)  
Acesso em: 12 de julho de 2013

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal.

BUARQUE, C. **A aventura da Universidade**. Editora Paz e Terra, 2000.

CARBONARI, M. E. E.; PEREIRA, A. C. **A extensão universitária no Brasil, do assistencialismo à sustentabilidade**. Revista de Educação Anhanguera Educacional. v. 10, n. 10, 2007

CHAUÍ, M. **Escritos sobre a Universidade**. UNESP, São Paulo, 1999

CRUZ, F. M. L. **Teorias e práticas em avaliação**. Recife, Editora Universitária UFPE, 2010.

DEMO, P. **Desafios modernos da educação**. Petrópolis. Editora Vozes, 1993

ENCONTRO DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 1, 1987, Brasília. **Conceito de extensão, institucionalização e financiamento**. Disponível em: <<http://www.renex.org.br/documentos/Encontro-Nacional/1987-I-Encontro-Nacional-do-FORPROEX.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

FARIA, S. F. **Construção conceitual da extensão universitária na América Latina.** Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2001

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS (FORPROEX). **Plano Extensão Universitária: organização e sistematização.** Belo Horizonte: 2007.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS (FORPROEX). **Plano Extensão Universitária 2011-2020.** Disponível em: [http://www.renex.org.br/documentos/Colecao-Extensao-Universitaria/01-Plano-Nacional-Extensao/Plano-nacional-de-extensao-universitaria-editado\(pdf\)](http://www.renex.org.br/documentos/Colecao-Extensao-Universitaria/01-Plano-Nacional-Extensao/Plano-nacional-de-extensao-universitaria-editado(pdf)). Acesso em: 14 dez. 2013

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS (FORPROEX). **Conceituação, institucionalização e financiamento.** Brasília: UNB, 1987

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia.** Editora Paz e Terra. São Paulo, 2009

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história.** Rio de Janeiro: Brasiliense, 1984

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura.** 9ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

GURGEL, R. M. **Extensão universitária: comunicação ou domesticação.** São Paulo, SP: Cortez: Autores Associados; Fortaleza, CE: Universidade Federal do Ceará, 1986. MELO NETO, J.F. Extensão universitária: bases ontológicas. In: MELO NETO, J.F. (Org.) Extensão universitária: diálogos populares. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2002.

LINS, M. H. S. F. **Educação popular e extensão universitária: diálogos entre saberes sobre educação popular.** In: MELO NETO, J.F. Extensão universitária: bases ontológicas. In: MELO NETO, J.F. (Org.) Extensão universitária: diálogos populares. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2002.

MANCEBO, D. **Trabalho docente: Subjetividade, Sobreimplicação e Prazer.** Revista: Reflexão e Crítica. Vol. 20, 2007

MACHADO, V. M. **Algumas reflexões sobre as concepções de extensão universitária.** Revista: Revista Científica Semana Acadêmica. Vol. 01, 2013

MACHADO, A. M. N.; BIANCHETTI, L. **(Des) fetichização do produtivismo acadêmico: desafios para o trabalhador pesquisador.** RAE, vol 51, n 3, 2011  
MATOS, S. C. M. Interdisciplinaridade e extensão universitária: caminhos para a inclusão social em Belém. Revista eletrônica do programa de pós-graduação – mestrado e doutorado em educação UTP. V.5, n 9, 2010

MEC. **Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras.** 2007. Disponível em: <http://reuni.mec.gov.br>

MATOS, S. C. M. **Interdisciplinaridade e extensão universitária: caminhos para inclusão social em Belém.** 2010.

NARCISO, E. S.; SILVA, F. C. C.; GOMES, L. I. **A identidade do professor universitário.** Revista Magistro, vol. 05, 2013

PAVIOTI, C. R. **Extensão universitária: a Universidade na sociedade.** 2004. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em pedagogia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. G. C. **Docência no ensino superior.** Editora Cortez, São Paulo, 2010

PIMENTEL, *et al.* **Projeto de criação do Instituto de Humanidades Artes e Ciências Milton Santos.** Salvador: UFBA, 2008<sup>a</sup>

ROCHA, M. R. G. **A construção do conceito de extensão universitária na América Latina.** In: FARIA, S. F. Construção conceitual da extensão universitária na América Latina. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2001. P. 13-29

SANTOS, B. de S. **A Universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade.** 3. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2010. (Coleção questões da nossa época, 11).

SANTOS, R. Q. **Educação e extensão: domesticar ou libertar?** Petrópolis: VOZES, 1986

SAVIANI, D. **Educação brasileira: estrutura e sistema.** São Paulo, Saraiva, 1981.

SGUISSARDI, V.; SILVA, J. R. J. **Trabalho intensificado nas federais: pós-graduação e produtivismo acadêmico.** São Paulo: XAMA, 2009

SILVA, A. A. S. **O programa UFBA em campo – ACC: sua contribuição na formação do estudante.** 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007

SILVA, E. W. **Extensão universitária no Rio Grande do Sul – concepções e práticas.** Tese (Doutorado em sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003

SILVA, E.W.; FRANTZ, W. **As funções sociais da Universidade – o papel da extensão e a questão das comunitárias**. Ijuí, RS: Unijuí, 2002

SOARES, S. R.; CUNHA, M. I. **Formação do professor – a docência universitária em busca de legitimidade**. Salvador, EDUFBA, 2010

SOUSA, A. L. L. **A história da extensão universitária**. Campinas, SP: Alínea, 2010.

TAVARES, M. G. M. **Extensão universitária: novo paradigma de Universidade?** Maceió, AL: Edufal, 1997.

TEIXEIRA, A. **Educação e o mundo moderno**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

TOUTAIN, L. M. B.; SILVA, R. R. G. **UFBA do século XIX ao XXI**. Salvador: EDUFBA, 2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO. Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão. Resolução nº 1, de 2013. **Regulamenta o aproveitamento da Ação Curricular em Comunidade e em Sociedade (ACCS) para integralização curricular dos Cursos de Graduação e Pós Graduação da Universidade Federal da Bahia**. Salvador, BA: UFBA, fev. 2013a. Disponível em: <[https://www.ufba.br/sites/devportal.ufba.br/files/Resolu%C3%A7%C3%A3o%2001.2013\\_0.pdf](https://www.ufba.br/sites/devportal.ufba.br/files/Resolu%C3%A7%C3%A3o%2001.2013_0.pdf)>. Acesso em: 20 dez. 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Conselho Acadêmico de Pesquisa e Extensão. Resolução nº 2, de 2012. **Aprova o Regulamento de Extensão Universitária da Universidade Federal da Bahia**. Salvador, BA: UFBA, nov. 2012. Disponível em: [https://www.ufba.br/sites/devportal.ufba.br/files/Resolu%C3%A7%C3%A3o%2002.2012\\_1.pdf](https://www.ufba.br/sites/devportal.ufba.br/files/Resolu%C3%A7%C3%A3o%2002.2012_1.pdf). Acesso em: 18 dez. 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA). Pró-Reitoria de Extensão. **UFBA em campo. 1996-1998: uma experiência de articulação ensino, pesquisa e sociedade**. Salvador: UFBA, 1998.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA). **Estatuto e Regimento Geral**. Salvador: UFBA, 2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA). **Resolução nº 02/2012**. Aprova o Regulamento de Extensão Universitária da UFBA. Salvador: UFBA, 2012a.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA). **UFBA em números 2013 – ano base 2012**. Salvador: UFBA, 2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA). **Projeto Pedagógico dos Bacharelados Interdisciplinares**. Salvador: UFBA, 2008b

VIANA, B. F. **Contribuição da UFBA na inserção da extensão nos currículos dos cursos de graduação**. In: ENCONTRO DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DO NORDESTE, 41, 2013, Campina Grande. Curricularização da extensão: desafio para uma formação cidadã. Slides. Salvador: UFBA, 2013.

ZENEIDE, C. M. A. **A extensão universitária: uma terceira função**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991



## APÊNDICE A

### Questionário para levantamento do perfil sócio-demográfico

1.1. Sexo: M  F

1.3. Idade: \_\_\_\_\_

1.4. Quanto tempo está no IHAC

1.5 Em qual/quais B.I você desempenha suas atividades?

1.6 Nível de titulação

Mestrado

Doutorado

Pós-doutorado

## **APÊNDICE B**

### **Roteiro de Entrevista**

1. Como você definiria a extensão universitária?
2. Você já realizou alguma ação extensionista?

Sim:

Fale um pouco sobre ela(s)

A(s) atividade(s) de extensão que você realizou tem alguma relação com suas atividades de ensino? e/ou de pesquisa? Comente.

Quais as possibilidades e limitações para o desenvolvimento de uma atividade de extensão?

Você considera a extensão universitária uma função relevante no trabalho do docente na universidade?

Não:

Você poderia discorrer sobre os motivos?

Quais as possibilidades e limitações para o desenvolvimento de uma atividade de extensão?

Você considera a extensão universitária uma função relevante no trabalho do docente na universidade?

3. Como você vê as ações extensionistas desenvolvidas no IHAC?
4. Como você vê o futuro da relação entre extensão e universidade